



Universidade de Brasília
Faculdade UnB Planaltina
Licenciatura em Educação do Campo

DENIZE MEDEIROS DE ALMEIDA

**FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE
EDUCADORES(AS) DO/NO CAMPO: O CASO DA LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA FACULDADE UnB PLANALTINA**

Planaltina-DF

2023

DENIZE MEDEIROS DE ALMEIDA

**FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE
EDUCADORES(AS) DO/NO CAMPO: O CASO DA LICENCIATURA
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA FACULDADE UnB PLANALTINA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade UnB Planaltina (FUP), como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo (LEdoC), com habilitação na área de Ciências da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Jair Reck.

Coorientador: Rafael Barcelos Santos.

Planaltina-DF

2023

A447f Almeida, Denize Medeiros de
Fundamentos da Filosofia na formação de educadores(as)
do/no campo: o caso da Licenciatura em Educação do Campo da
Faculdade UnB Planaltina / Denize Medeiros de Almeida;
orientador Jair Reck; co-orientador Rafael Barcelos Santos.
-- Brasília, 2023.
61 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Educação do Campo)
-- Universidade de Brasília, 2023.

1. Ensino de filosofia. 2. Conceitos filosóficos. 3.
Componente Curricular . 4. Licenciatura em educação do
campo. 5. Filosofia. I. Reck, Jair, orient. II. Santos,
Rafael Barcelos, co-orient. III. Título.



UnB/Universidade de Brasília

FUP/Faculdade UnB Planaltina
Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC.

ATESTADO

ATESTO para os devidos fins, conforme consta nos assentamentos da Diretoria de Administração Acadêmica da Faculdade UnB de Planaltina – FUP, que foi realizada a defesa da monografia da educanda DENIZE MEDEIROS DE ALMEIDA, intitulada *FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES(AS) DO/NO CAMPO: O CASO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA FACULDADE UnB PLANALTINA*, no dia 16 fevereiro de 2023. ATESTO, ainda, que a banca examinadora foi composta pelos seguintes membros:

Prof. Jair Reck (FUP/UnB - Orientador)

Ms. Rafael Barcelos Santos–FUP/UnB- coorientador

Prof. Dra. Maria Osanette Medeiros (FUP/UnB)

Prof. Dra. Juliana Rochet W. C. Paulino (FUP/UnB)

Profa. Juliana Rochet W. C. Paulino
Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC
Faculdade Planaltina – FUP/UnB

*Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus,
que me ajudou em todos os momentos da minha
caminhada; e aos meus pais, esposo e filho.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a **Deus** por tudo e por ter chegado até aqui, com muitos conhecimentos obtidos que levarei para todo sempre. Grata a Deus por nunca ter deixado eu fraquejar e vir a desistir.

Grata a meus **pais, Ana Medeiros e Dilermando Alves**, que nunca deixaram de me incentivar para alcançar meus objetivos, com toda paciência e carinho mesmo estando distante.

Agradeço muito ao meu **esposo, Joarlei Rodrigues**, pela paciência e compreensão comigo, mesmo quando estava na faculdade, distante dele, nunca deixava de me incentivar para alcançar meus ideais, mesmo com meu filho pequeno, Wallace, nunca me deixou desistir. Serei sempre grata por isso.

Quero agradecer ao **professor Jair Reck**, por todos os conhecimentos em sala de aula e fora, por toda paciência comigo. Ter depositado confiança na minha capacidade de conseguir fazer um trabalho sobre um assunto muito difícil, pois, na Filosofia, cada vez que você descobre uma coisa, aparece mais uma série de perguntas para buscar respostas. Eu escolhi você como orientador e não me arrependo. Eu sabia que ia ser muito difícil para te agradar, mas sei também que escolhendo você, Jair, seria garantia que no final teria um ótimo trabalho. Muito obrigada por tudo!

Quero, aqui, também agradecer uma pessoa maravilhosa e muito importante para esse trabalho que é o **bibliotecário Rafael Barcelos Santos**, meu coorientador. Quero te agradecer por toda paciência e por tanta confiança depositada em mim. Mesmo com tantas dificuldades, você nunca deixou de acreditar em mim. Quero agradecer por tudo que fez por mim e por todos conhecimentos que me passou. Saiba que serei sempre grata por tudo, Rafael Barcelos, pela colaboração nesse trabalho. Em nenhum momento me deixou sozinha na escrita, sempre acreditando na minha capacidade e me dando incentivos que eu iria conseguir. Saiba que sou imensamente grata a Deus por tudo que você fez e colaborou para o desenvolvimento desse trabalho.

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa aborda a relevância do ensino de Filosofia na formação dos(as) discentes do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina, tendo como base a construção e a consolidação de uma educação crítica do e no campo, alicerçada nos seguintes princípios: o desenvolvimento do pensamento autônomo, crítico e reflexivo; a postura ativa diante do processo de solução dos problemas enfrentados pelos povos camponeses(as); o comportamento ativo nas lutas pela conquista e ampliação dos direitos desses povos; o aprendizado ao longo da vida; a constituição de uma visão holística para a tomada de decisão assertiva em meio aos ditames do capitalismo; e a atuação ética e responsável para preservar a história e os conhecimentos tradicionais dos povos do campo. Para tanto, no âmbito da pesquisa qualitativa, descritiva e documental realizada, seleciona e analisa 17 trabalhos produzidos pelos estudantes nos componentes curriculares de Filosofia 1 a Filosofia 5, integrantes do currículo de referência (UnB) do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB (LEdoC UnB), a fim de identificar os conceitos filosóficos aprendidos pelos(as) discentes, bem como, com o mesmo propósito, aplica um questionário de perguntas abertas com 5 estudantes, que apontaram as suas percepções do ensino de Filosofia em diversos segmentos da vida: individual, social, profissional e acadêmica. Além dos trabalhos analisados, verifica outros documentos importantes para fomentar as discussões na revisão de literatura, tais como: o Projeto Político-Pedagógico do curso (PPPC) de Licenciatura em Educação do Campo e o currículo com enfoque nos componentes curriculares de Filosofia ofertadas. Conclui que os componentes curriculares de Filosofia da Licenciatura em Educação do Campo são fundamentais para a formação dos(as) discentes, articulando a formação de sujeitos críticos e conscientes quanto ao seu papel tanto na ambiência do campo como na cidade, uma vez que são ambientes que se complementam e precisam de intervenções que considerem às suas peculiaridades, tendo como sustentáculo o desenvolvimento sustentável.

Palavras-chave: ensino de filosofia; fundamentos da filosofia; formação docente; educação do campo.

ABSTRACT

This research addresses the relevance of teaching Philosophy in the formation of students of the Degree in Rural Education at Faculdade UnB Planaltina, based on the construction and consolidation of a critical education of and in the countryside, based on the following principles: the development of autonomous, critical and reflective thinking; the active posture in the process of solving the problems faced by the peasant peoples; active behavior in the struggles for the conquest and expansion of the rights of these peoples; lifelong learning; the constitution of a holistic vision for assertive decision-making in the midst of the dictates of capitalism; and ethical and responsible action to preserve the history and traditional knowledge of rural peoples. To this end, within the scope of the qualitative, descriptive and documentary research carried out, it selects and analyzes 17 works produced by students in the curricular components of Philosophy 1 to Philosophy 5, members of the reference curriculum (UnB) of the Degree in Education in the Field of UnB (LEdoC UnB), in order to identify the philosophical concepts learned by the students, as well as, with the same purpose, apply a questionnaire with open questions with 5 students, who pointed out their perceptions of Philosophy teaching in different segments of life: individual, social, professional and academic. In addition to the works analyzed, it verifies other important documents to encourage discussions in the literature review, such as: the Political-Pedagogical Project of the Course (PPPC) of Degree in Rural Education and the curriculum with a focus on the curricular components of Philosophy offered. It concludes that the curricular components of Philosophy of the Degree in Rural Education are fundamental for the formation of the students, articulating the formation of critical and conscious subjects regarding their role both in the ambience of the countryside and in the city, since they are environments that complement each other and need interventions that consider their peculiarities, having sustainable development as their mainstay.

Keywords: philosophy teaching; fundamentals of philosophy; teacher training; countryside education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Breve relato da pesquisadora sobre a sua experiência nas disciplinas de Filosofia do Curso de Licenciatura em Educação do Campo	14
1.2 Justificativa	14
1.3 Questão de pesquisa	14
1.4 Objetivos	14
<i>1.4.1 Objetivo geral</i>	14
<i>1.4.2 Objetivos específicos</i>	15
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 Princípios e fundamentos do curso da LEdoC, preconizados nas ementas de Filosofia	16
2.2 Princípios e Fundamentos da Filosofia no plano de ensino do curso de LEdoC	22
2.3 Pedagogia da Alternância e uma nova concepção no ensino da LEdoC da FUP	25
2.4 Projeto Político-Pedagógico da LEdoC	29
3 METODOLOGIA	35
4 PRODUÇÃO DISCENTE NAS DISCIPLINAS DE FILOSOFIA	37
5 CONTEXTUALIZAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA A PARTIR DO QUESTIONÁRIO REALIZADO	51
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59
ANEXO A: QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES DE LEdoC da FUP	61

1 INTRODUÇÃO

Ao analisar o contexto histórico que envolve o ensino de Filosofia, percebe-se que esse estudo não é novo, para muitos se origina na Grécia Antiga, porém, hoje há outras interpretações e informações que nos apontam os saberes desde o Oriente, da África, portanto, podemos dizer que onde há o ser humano, manifesta-se o exercício de questionar sobre suas origens, sua existência e seu projeto de vida.

Nessa perspectiva, da trajetória da origem da Filosofia até a sua chegada na atualidade, percebe-se que os primeiros filósofos questionavam sobre a existência humana e a sua relação com a natureza, o imaginário, o inexplicável, o divino, o sobrenatural, a sua existência, bem como a tudo que os incomodavam e fosse motivo de investigação contínua, porém sem chegar a um conhecimento completo sólido e satisfatório.

No Brasil, a trajetória do ensino de Filosofia segue um percurso cheio de conflitos que, de acordo com Silva (2019), tem a sua origem no período do Brasil Colônia, desde o século XVI, componente do curso de Artes. Ressalta Silva (2019, p. 3) que “apenas alguns colégios dispunham desse curso, voltado exclusivamente para a elite colonial portuguesa”.

Mesmo sendo oferecido apenas a uma pequena parcela da população, o ensino de Filosofia chegou ao Brasil com os jesuítas que, na perspectiva de Mazai e Ribas (2001), exerciam o controle do ensino no país cujo foco era a elite brasileira, tendo como embasamento “conteúdo livresco, formalista, retórico, gramatical, sem base natural e nacional, que seriam de deleite ao colono branco, rico e católico” (MAZAI; RIBAS, 2001, p. 3-4).

Iniciado com os jesuítas, até os dias atuais, o ensino de Filosofia foi direcionado, conforme os ideais políticos e educacionais de cada período, sendo inserido em outras áreas do conhecimento, às vezes conquistando campo próprio, sofrendo com as reformas educacionais, ocasionando intensas discussões e lutas por seus defensores. Ressalta-se que, devido à sua relevância para o desenvolvimento crítico do indivíduo, inclusive dos formadores de opinião, o ensino de Filosofia sempre esteve como um obstáculo para a manipulação popular, por isso, a dificuldade da sua expansão e valorização no ambiente escolar.

Atualmente, o foco da Educação do Campo é bem diferente do que foi iniciado com a colonização do Brasil, em um país agrário, pois no âmbito atual, o campo é

entendido como espaço de interação mútua de sujeitos que são protagonistas das suas respectivas histórias, portanto a Filosofia traz um componente curricular importante, que se faz presente em todas as etapas da formação da docência para a atuação plena na ambiência do campo.

Argumenta Silva (2019, p. 47) que:

Devemos ter o cuidado, então, de não descaracterizar o saber filosófico no campo do ensino da Filosofia enquanto disciplina essencial que promova ao educando desenvolver o senso crítico, argumentativo, conscientes e protagonistas das transformações almejadas, sejam elas no meio pessoal, social e/ou profissionais (SILVA, 2019, p. 47).

Nesse sentido, no âmbito do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB Planaltina (FUP), torna-se imprescindível a análise da inserção do ensino de Filosofia na grade curricular do curso, uma vez que concentra na formação de futuros(as) educadores(as) que conhecem e vivenciam a difícil realidade enfrentada pelas famílias camponesas. Para tanto, o saber filosófico é o componente basilar para uma formação ética, crítica e emancipadora desses(as) futuros(as) profissionais, multiplicadores(as) de práticas pedagógicas que inserem os sujeitos do campo no centro do processo na organização curricular do curso, a fim de serem protagonistas dos avanços que tanto almejam em suas comunidades.

Diante dessa conjuntura, Silva (2019, p. 26) complementa que:

As escolas devem ser pensadas para oferecer um ensino de qualidade por meio de estrutura adequada com formação e valorização do corpo docente. A partir desse direcionamento a realidade estigmatizante do campo passará a um estágio de construção de uma identidade, no sentido de pertença, com acesso ao conhecimento e a cultura (SILVA, 2011, p. 26).

A construção de uma escola que atenda aos anseios do campo não é construída de forma isolada, muito menos com o cumprimento de normas burocráticas vindas de cima para baixo, ou seja, dentro de uma configuração organizacional verticalizada. Logo, destacam-se a essência e a importância da Filosofia no processo formativo de professores(as), pois, ao fundamentar as discussões crítico-reflexivas, é possível construir uma proposta educativa que venha a atender ao campo e pensá-la de forma coletiva, que envolva diferentes segmentos da sociedade, que tenha estrutura condizente ao que é proposto, assim como a formação e a multiplicação de professores(as) envolvidos(as) e conscientes do que seja essa forma de ensino.

A discussão e a conscientização da importância da disciplina de Filosofia nem sempre são aceitas pela sociedade, mesmo porque muitos não têm o conhecimento

necessário para aceitar outra forma de ensino que não seja o tradicional, assim como para a metodologia de discussão crítica e intervencionista proposta, que instigue ao desenvolvimento ativo da cidadania.

Espera-se que, por meio de um ensino que haja a contextualização da teoria com a prática, proporcione aos(as) filhos(as) das famílias do(a) educando(a) no/do campo maiores oportunidades de vida, para que tenham autonomia nas suas escolhas.

Para Begnami (2011):

A educação do campo projeta a educação para além das cercas da escola, propondo princípios de educação que partem das lutas e reforçam as práticas sociais. Defende a tese de que não há saberes menores ou maiores, mas diferentes. É concebida pelos trabalhadores para que eles tenham o direito de acessar os conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, mas que possam, além disso, fazer a crítica, problematizar e construir novos saberes. E que estes contribuam na solução de problemas e sejam referência para outra lógica de produção e de trabalho, que não seja a do trabalho na lógica dos princípios capitalistas (BEGNAMI, 2011, p. 33).

Construir a Educação do Campo é percebê-la como um processo de ensino, no qual a troca de saberes enriquece a construção do conhecimento, bem como o respeito e a interação entre os diferentes saberes.

Sabe-se que os princípios capitalistas direcionam a sociedade para a lucratividade, do consumismo e, principalmente, do individualismo, concepção essa, que não pode fazer parte da perspectiva da Educação do Campo, na qual o(a) educando(a) deve ter uma formação que proporcione a ele(a) a polivalência e a tomada de decisão consciente.

Na perspectiva da construção e da consolidação de uma formação omnilateral almejada no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina (FUP), o ensino de Filosofia ganha relevo, uma vez que convida os(as) estudantes a serem protagonistas no processo de ação, tendo como base a integração dos conceitos filosóficos aprendidos com a realidade campesina. Essa postura crítica e ativa proporcionada pela Filosofia viabiliza a constituição dos movimentos de luta, a fim de que as melhorias e os direitos sejam alcançados no campo. É preciso compreender, no âmbito da formação emancipatória, que a riqueza do ser humano não está nos bens financeiros e materiais adquiridos, em uma lógica perversa do capitalismo, mas sim, na história do povo campesino, com seus conhecimentos tradicionais, com a sua história de resistência diante das tentativas de aniquilar toda uma cultura, importante para o desenvolvimento sustentável e consciente do Brasil.

A pesquisa busca responder a seguinte questão de pesquisa: quais são os princípios, os valores e os fundamentos da Filosofia que são aprendidos pelos(as) estudantes de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Faculdade UnB Planaltina (FUP)? Para tanto, o objetivo geral consistiu em identificar e discutir o aprendizado de Filosofia pelos(as) estudantes de LEdoC da FUP. A partir do objetivo geral, desdobraram-se os seguintes objetivos específicos: registrar o ideário de princípios e fundamentos do curso, preconizados nas ementas da Filosofia de 1 a 5; analisar e descrever os princípios e fundamentos de Filosofia, presentes nos planos de ensino; estabelecer, a partir dos objetivos anteriores, as categorias filosóficas a serem perscrutadas no âmbito dos artigos produzidos pelos estudantes ao concluírem o 5º semestre; recolher, da produção textual de estudantes, as referidas significações da Filosofia para suas vidas de educadores(as) do campo e sujeitos das comunidades.

Para tanto, no âmbito da pesquisa qualitativa, descritiva e documental, analisaram-se 17 trabalhos produzidos pelos(as) estudantes nos componentes curriculares de Filosofia 1 a Filosofia 5, integrantes do currículo de referência (UnB) do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB (LEdoC UnB), a fim de identificar os conceitos filosóficos aprendidos pelos(as) discentes, bem como, com o mesmo propósito, aplica-se um questionário de perguntas abertas com 5 estudantes, que apontaram as suas percepções do ensino de Filosofia em diversos segmentos da vida: individual, social, profissional e acadêmica. Além dos trabalhos analisados, verifica outros documentos importantes para fomentar as discussões na revisão de literatura, tais como: o Projeto Político-Pedagógico do curso (PPPC) de Licenciatura em Educação do Campo e o currículo com enfoque nos componentes curriculares de Filosofia ofertados.

Diante dessa conjuntura, a próxima subseção apresenta um breve relato da pesquisadora sobre as suas experiências nas disciplinas de Filosofia do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina, uma vez que os relatos individuais contribuem para a investigação científica na perspectiva do curso em questão.

1.1 Breve relato da pesquisadora sobre a sua experiência nas disciplinas de Filosofia do Curso de Licenciatura em Educação do Campo

A Filosofia foi de suma importância para a minha vida, meu melhor crescimento e conhecimento. O estudo de Filosofia me ajudou a compreender melhor todos os pontos abordados, da Filosofia 1 à Filosofia 5. Cada etapa foi um conhecimento a mais obtido para a minha vida. Leverei comigo todas as aulas maravilhosas que tive o prazer de ter com o professor Jair Reck.

A Filosofia é um olhar diferente, e nunca contentamos com o pouco, sempre buscamos mais e mais um autoconhecimento.

1.2 Justificativa

O estudo sobre os “Fundamentos da Filosofia na Formação de Educadores(as) do/no Campo: O Caso da Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina” visa contribuir com as pesquisas referentes à temática, bem como com as investigações futuras que queiram aprofundar a discussão sobre a necessidade da Filosofia na grade curricular do curso de Licenciatura em Educação do Campo, considerando a formação de professores que atuarão nas comunidades camponesas, onde o protagonismo, a construção, a produção, o avanço e a existência humana são esferas que devem ser priorizadas no âmbito do processo de ensino-aprendizagem.

1.3 Questão de pesquisa

Diante do exposto, emerge a seguinte questão de pesquisa: quais são os princípios, os valores e os fundamentos da Filosofia que são aprendidos pelos(as) estudantes de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) da Faculdade UnB Planaltina (FUP)? Para responder a esse questionamento, a próxima subseção concentra nos objetivos delineados.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Identificar e discutir o aprendizado de Filosofia pelos(as) estudantes de LEdoC da FUP.

Considerando o objetivo geral da pesquisa, os seguintes objetivos específicos foram definidos:

1.4.2 Objetivos específicos

Registrar o ideário de princípios e fundamentos do curso, preconizados nas ementas da Filosofia de 1 a 5;

analisar e descrever os princípios e fundamentos de Filosofia, presentes nos planos de ensino;

estabelecer, a partir dos objetivos anteriores, as categorias filosóficas a serem perscrutadas no âmbito dos artigos produzidos pelos(as) estudantes ao concluírem o 5º semestre;

recolher, da produção textual de estudantes, as referidas significações da Filosofia para suas vidas de educadores(as) do campo e sujeitos das comunidades.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Princípios e fundamentos do curso da LEdoC, preconizados nas ementas de Filosofia

A educação no contexto brasileiro, desde o início, não foi uma das prioridades, estando sempre aquém dos países “desenvolvidos”, uma vez que alicerça e prioriza o ensino conteudista e memorizado (SOBRINHO, 2015). Nesse cenário, falar em Filosofia da Educação é praticamente um discurso solitário, com poucos que aderem e compreendem a importância da disciplina, principalmente na formação crítica e autônoma do(a) educando(a), incluindo o sujeito do campo, maior prejudicado em um país agrário como o Brasil, com anos de atraso e que vive no atual cenário da globalização e da informatização da tecnologia, da informação e do conhecimento do campo.

Para tanto, Lemme (1961, p. 22 apud SOBRINHO, 2015, p. 4) afirma que:

As transformações sociais impõem transformações no caráter da educação. Esse reflexo da infraestrutura, não é, porém, mecânico, imediato. [...] Depois de constituída, erige-se numa força própria, com seus mantenedores especializados, cria uma ideologia que é racionalizada, tornando-se uma força conservadora, que resiste por todas as formas as que vão se verificando na infraestrutura da sociedade (LEMME, 1961, p. 22 apud SOBRINHO, 2015, p. 4).

A sociedade está em constante mudança, portanto não há como ficar alheio ao que se passa em termos mundiais, vivendo em um período cuja interação global ocorre em milésimos de segundo, abrangendo de certa forma países que querem manter-se no eixo central e acompanhar as transformações.

Para tanto, a maioria dos países emergentes precisa compreender que a educação é o equilíbrio para um projeto de maior equidade de uma nação, sendo o ensino de Filosofia um mecanismo que liberta e leva à reflexão do contexto em que se vive e o que pode ser feito para construí-lo de forma crítica e autônoma.

Nessa perspectiva, Gniss (2011, p. 30) afirma que:

Ninguém vive além do seu tempo nem pode ficar isento dos desafios da sociedade atual. Pelo contrário, uma independência absoluta do caráter social atual levaria a uma sensação subjetiva de mal-estar e as doenças. Mas o objetivo é o lidar mais produtivo possível com as condições sociais e econômicas atuais e daí o lidar mais produtivo, possível com as possibilidades fabricadas (GNIS, 2011, p. 30).

Questionar a vivência humana, as leis naturais da vida, da natureza, a estrutura social e a essência de tudo está dentro do pensar filosófico. No entanto, nenhum detentor do poder de dominação e alienação quer e deseja o desenvolvimento desses atributos, pois

instiga ao questionamento crítico do indivíduo que leva ao conflito, tanto individual quanto coletivo, demonstrando que algo está errado e que necessita de mudança, o que não é viável a nenhum governo, pois primam pelo conformismo e manutenção da dominação.

Nesse contexto, percebe-se a justificativa de não haver na história educacional projetos que garantam a prevalência da disciplina de Filosofia no currículo escolar, tanto é que essa problemática é delimitada, com intensas e constantes discussões sobre a manutenção ou a retirada permanente da disciplina no Ensino Médio. Acrescenta-se a questão relativa à carga horária, que varia nos cursos superiores, sempre considerando a menor possível.

O ensino de Filosofia é uma proposta que, em sua perspectiva, questiona, reflete, discute, analisa, constrói e desconstrói diferentes contextos. Não há lugar para um ensino de Filosofia, sem que estimule o aluno ao questionamento, à incerteza e à dúvida, portanto, se não promover a inquietação não é Filosofia, condição essa, que incomoda, pois o que se espera é a estagnação, sem rejeição à imposição.

Diante desse contexto, Rancière (2018, p. 55) afirma que:

Poder de igualdade que é, ao mesmo tempo, de dualidade e de comunidade. Não há inteligência onde há uma agregação, ligadura de um espírito a outro espírito. Há inteligência ali onde cada um age, narra o que ele fez e fornece os meios de verificação da realidade de sua ação. A coisa comum, situada entre as duas inteligências ali onde cada um age, narra o que ele fez e fornece os meios de verificação da realidade de sua ação (RANCIÈRE, 2018, p. 55).

O ensino de Filosofia objetiva preparar estudantes para a vida, ou seja, assumir-se como sujeito dotado de inteligência, que está em constante ação na sociedade em que vive e, com a sua ação contínua, constrói a sua história, atua como protagonista, não como mero figurante. Sendo assim, não há lugar no mundo filosófico crítico para a passividade, o conformismo e a aceitação. A historicidade humana traz em seu contexto conquistas dotadas de lutas, de movimentos, nos quais estiveram à sua frente pessoas que não se deixaram manipular por um sistema alienador, que aniquila a inteligência e banaliza o ser humano, tratando-o como coisa que pode facilmente ser manipulada, conforme a sua vontade e interesse.

Na análise da evolução histórica da educação no Brasil, percebe-se que essa, sempre esteve em atraso, priorizou desde o início um ensino celetista e conteudista por muito tempo, enquanto países de primeiro mundo evoluíam e investiam em educação, o Brasil continuava arcaico, cujo acesso ao conhecimento era para poucos.

Nesse contexto de atraso educacional brasileiro, verifica-se, então, que essa educação se constituiu à margem dos avanços científicos e tecnológicos, configurando-se como um grave problema recorrente no processo de ensino-aprendizado, principalmente nas últimas décadas, com a acessibilidade à internet, ao celular e às diversas mídias de comunicação e informação, discussões essas que também se fazem importantes e necessárias em uma disciplina como a Filosofia, que mesmo aparentemente ser nova no currículo, se faz presente desde a Grécia Antiga e, muito para além dela, com os primeiros filósofos que não tinham acesso aos recursos avançados como se tem atualmente, mas que, com suas observações e indagações, sabiam como questionar o mundo.

Para Conte e Martini (2015, p. 1.195):

A incidência de resultados tecno-econômicos sobre todos os aspectos da vida social provoca deslocamentos na esfera intelectual bem como a necessidade de reconhecer as tecnologias como um dos mais importantes temas filosóficos, políticos e estéticos de nosso tempo. De fato, o homem moderno pode ter acesso a autoexpressão e os conhecimentos científicos, artísticos, econômicos e políticos por meio das mídias, já que é a forma do próprio relacionamento do homem com a realidade tecnológica (CONTE; MARTINI, 2015, p. 1.195).

Percebe-se que a Filosofia é uma disciplina de ensino-aprendizado muito importante para a educação, principalmente no âmbito atual, em que a Filosofia e a tecnologia podem caminhar juntas, aproveitando o potencial de acessibilidade que o aluno tem para lidar com as mídias sociais, trazendo-as para o ensino de Filosofia, ressaltando que na esfera atual, mesmo no campo, o(a) educando(a) tem um razoável acesso e conta ao seu dispor com alguns recursos tecnológicos. Acrescenta-se, também, a relevância da Filosofia para que o povo do campo saiba discernir entre uma notícia verdadeira de uma notícia falsa (*fake news*), adotando uma postura crítica e proativa na disseminação de informações que contribuam para o desenvolvimento dessa ambiência e da valorização dos seus sujeitos, além de escolher representantes que respeitam à história e à luta do povo do campo.

Em Demo (2002, p. 27), destaca-se:

A escola do futuro entrará com absoluto empenho no processo de transmissão eletrônica de conhecimento para dispor da maneira mais abundante e acessível dele e valorizará tanto mais o professor como instância essencial do questionamento reconstruível (DEMO, 2002, p. 27).

O ensino de Filosofia, utilizando a tecnologia como ferramenta de articulação na construção do conhecimento, não é uma realidade nova, pois já vem sendo construída,

presente em diversas situações de ensino-aprendizagem, adotada de forma mais intensa nesse momento pandêmico pelo qual passa o nosso mundo (pandemia de covid-19), cabendo ao(à) professor(a) assumir-se como mediador(a) e buscar mecanismos que alicercem a construção do conhecimento crítico-filosófico.

É visível a importância da Filosofia na formação crítica e emancipadora dos sujeitos, o **Quadro 1** demonstra as ementas e os programas das disciplinas de Filosofia, presentes na estrutura curricular do curso de LEdoC da Faculdade UnB Planaltina:

Quadro 1: Ementas e programas das disciplinas de Filosofia do curso de LEdoC.

Disciplinas	Ementas	Programas
Filosofia 1	Problematização sobre os modos de pensar o conhecimento e a ciência, introduzindo questões sobre o debate atual. Bases históricas e filosóficas do pensamento moderno e de sua crítica e autocrítica	Concepções de conhecimento que embasam a Educação do Campo e especificamente as práticas pedagógicas de educadores de escolas. A Licenciatura em Educação do Campo no contexto do debate atual sobre modos de pensar o conhecimento e a ciência. Visão panorâmica da história social do conhecimento com ênfase de estudos na Época Moderna: Renascimento, Revolução Científica, Iluminismo, Empirismo, Racionalismo. Implicações para a organização e classificação do conhecimento: disciplinas, organização dos currículos e das bibliotecas.
Filosofia 2	Modos de pensar o conhecimento e a ciência na época contemporânea. Termos do debate atual.	Positivismo, historicismo e marxismo: da constituição histórica até os embates e vertentes de nossos dias; Debate sobre ideologia e ciência; Crises do pensamento moderno; Conceito de pós-modernidade e modernidade tardia; Relação entre dialética, práxis e crítica das ideologias; O século XXI diante do desafio de interpretação da globalização, da crise da ciência, da revolução digital e a da biotecnologia.
Filosofia 3	Estudos sobre disciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, metadisciplinaridade, ecodisciplinaridade: conceitos e reflexões no contexto dos debates contemporâneos sobre conhecimento, ciência e conhecimento escolar.	Referências históricas e modelos de disciplinaridade e interdisciplinaridade; Paradigma transdisciplinar; olhar a ciência para além das disciplinas; olhar o conhecimento para além da ciência; Diversidade epistemológica e implicações sobre a educação, a organização do currículo escolar e o trabalho docente.

Filosofia 4	Método de pensamento e produção do conhecimento pela pesquisa. A pesquisa como forma de diálogo entre teoria e prática. Construção de referencial filosófico-metodológico.	Ciência e método. Empíria e teoria; Rigor metodológico e consciência do percurso do pensamento na interpretação da realidade; Construção de referencial filosófico-metodológico para as questões do campo de produção de conhecimento da Educação do Campo e da Licenciatura em Educação do Campo.
Filosofia 5	Conhecimento e emancipação social e humana. Dimensão ética e política do debate epistemológico da atualidade e papel da educação e da escola.	Produção do conhecimento e reprodução social; Ciência, política e ética: quem produz conhecimento, que conhecimento, em que contexto e para quem o produz; Papel da escola na educação do modo de pensar o conhecimento e a ciência.

Fonte: Elaborado pela autora, com base no Projeto Político-Pedagógico do curso de LEdoC (2018).

Baseado no **Quadro 1** e no Projeto Político-Pedagógico do curso de LEdoC da Faculdade UnB Planaltina (2018), as disciplinas de Filosofia 1, Filosofia 2, Filosofia 3, Filosofia 4 e Filosofia 5 possuem uma carga horária total de 150h (30h por disciplina), fornecendo o total de 10 créditos (2 créditos por disciplina). As disciplinas de Filosofia 1, Filosofia 2 e Filosofia 3 são de modalidade obrigatória, enquanto as disciplinas de Filosofia 4 e Filosofia 5 são de modalidade optativa.

Na disciplina de Filosofia 1, os(as) discentes buscam compreender o pensamento moderno e os fundamentos para a construção do conhecimento. Nesse sentido, torna-se oportuno destacar que o pensamento moderno surge da necessidade de encontrar explicações não baseadas no pensamento religioso, ou seja, no divino, na tradição e na imposição de uma “verdade universal” sem questionamentos. Para tanto, os(as) pensadores(as) modernos(as) demonstraram a relevância da adoção de métodos para compreender o mundo em sua volta, partindo do pressuposto que o conhecimento deve estar organizado e sistematizado, a fim de alcançar novas descobertas. É de suma importância que os(as) estudantes de LEdoC não aceitem as informações de forma passiva e impositiva, mas que desenvolvam métodos de interpretação da realidade para não sofrer os efeitos manipuladores da classe dita dominante. Desse modo, a população camponesa encontrará caminhos na luta pela conquista de seus direitos, sabendo que a construção do conhecimento é social e necessita do debate e da participação de todos(as) envolvidos(as) nessa ambiência.

Na disciplina de Filosofia 2, os(as) discentes do curso de LEdoC aprendem a desenvolver o senso crítico diante das relações sociais desiguais. Nesse prisma, é

importante refletir sobre os efeitos perversos do capitalismo, uma vez que aprofunda a disparidade entre os ricos e os pobres. Diante de um sistema econômico tão desigual, é importante que a população camponesa lute por melhores condições de vida e por direitos fundamentais, como a educação. Trata-se de conquistar a dignidade da vida no campo, com a geração de trabalho digno e de apropriação dos frutos desse pela classe trabalhadora, do estabelecimento de uma educação de qualidade, de uma decente estrutura de amparo à saúde e à moradia, respeitando a riqueza cultural desses povos. O questionamento do sistema econômico vigente é desafiador, uma vez que a classe dominante utiliza de diversos mecanismos de dominação das classes menos favorecidas, para obter um lucro crescente, intensificando os sérios problemas econômicos e sociais vivenciados pela população camponesa.

Na disciplina de Filosofia 3, os(as) discentes do curso de LEdoC aprendem a construir e a desenvolver o raciocínio de forma integrada com as diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, percebe-se que a Filosofia é uma disciplina que possibilita a integração com as outras áreas do conhecimento, tendo como base a resolução de problemas cotidianos complexos e a tomada de decisão. Na contemporaneidade, sabe-se que a construção do conhecimento é efetivada socialmente, com o diálogo entre os(as) sujeitos pensantes. Para tanto, é imprescindível que os(as) estudantes saibam solucionar os problemas em uma lógica de redes, ou seja, priorizando os diferentes olhares e relações, assim como opera o cérebro humano. A população camponesa, constituída historicamente na luta por melhores condições de vida, necessita firmar sólidas parcerias com instituições e pessoas que compreendam e respeitam a causa. Desse modo, o movimento pode ultrapassar as fronteiras nacionais e adquirir relevância a nível mundial, a exemplo do Movimento dos(as) Trabalhadores(as) Rurais Sem Terra (MST), que se articula com a organização internacional da VIA CAMPESSINA.

Na disciplina de Filosofia 4, os(as) discentes aprendem a utilizar os conceitos filosóficos na construção de uma educação crítica do e no campo. Destaca-se, assim, a pedagogia da alternância, concepção de ensino adotada no curso de LEdoC da FUP, permitindo que os(as) estudantes possam aplicar, vivenciar e ressignificar os conceitos filosóficos aprendidos no Tempo Universidade (TU) em suas respectivas realidades no Tempo Comunidade (TC). Além disso, novos conceitos podem ser aprendidos por meio da tradição e da cultura camponesa, propiciando o estudo desses conceitos tradicionais em uma perspectiva filosófica. A disciplina de Filosofia 4 demonstra que o aprendizado não deve estar restrito ao ambiente físico da sala de aula, mas no constante contato com

os(as) moradores(as) do campo. A essência da Filosofia está no pensar e no agir diante das inúmeras questões presentes na realidade. A teoria e a prática devem estar em sintonia, para que os(as) discentes de LEdoC não sejam meros reprodutores do conhecimento, mas que possam produzir novos conhecimentos com qualidade, com significado em suas vidas e das respectivas comunidades, dando-lhes bases para desvelar as contradições historicamente construídas e buscando caminhos que superem as estruturas limitadoras do bem viver comum.

Na disciplina de Filosofia 5, os(as) discentes de LEdoC aprendem os conceitos filosóficos de moral e ética. Nesse sentido, esses(as) futuros(as) educadores(as) compreendem e reconhecem o seu importante papel na sociedade, bem como das instituições de ensino na ambiência do campo. As mudanças almejadas no campo somente serão possíveis com a efetivação de uma educação crítica do campo, propiciando a emancipação dos sujeitos e a multiplicação de cidadãos(ãs) conscientes quanto à relevância do campo para o país. Os conceitos filosóficos aprendidos são fundamentais na luta para a preservação das tradições camponesas, com suas práxis de cuidados com todas as formas de vida, de geração em geração. É preciso que os(as) sujeitos(as) do campo não abandonem as suas raízes, introduzindo a Filosofia no pensar e no agir, com discernimento coletivo, que busca superar as heranças alienadoras que teimam na sua subordinação. Considerando a transdisciplinaridade no processo de resolução dos problemas complexos cotidianos, a disciplina de Filosofia 5 permite, também, uma interlocução com a eco-sócio-bio-economia-política. É mister observar que a Filosofia sempre esteve ligada, em diferentes graus, com a política e a organização do Estado. É preciso que os(as) cidadãos(as) camponeses(as) utilizem da Filosofia para o desenvolvimento da competência política, tendo como alicerce a conquista de novos direitos e a consolidação dos direitos já conquistados.

2.2 Princípios e Fundamentos da Filosofia no plano de ensino do curso de LEdoC

Compreende-se que a Filosofia é um caminhar, ao qual se exerce o questionamento do mundo que nos rodeia, buscando não a compreensão acabada, mas sim, a inquietude, a atitude reflexiva, pois, para Mazzonetto (2017, p. 15), “filosofar é uma atitude de reflexão, um movimento de volta a si mesmo”.

Um dos aspectos básicos do filosofar é o questionamento de nossa própria existência, interrogar a si mesmo, sua essência, seu objetivo, o que esperar de si mesmo e da vida, sendo essa uma abordagem a ser conduzida pelo ensino de Filosofia, incluindo

o(a) estudante que vive no campo, trabalha com o que o meio lhe oferece e, muitas vezes, não tem consciência do porquê está ali e qual a sua importância para si e para a comunidade que ele(a) faz parte.

Em Buzzi (2000), afirma-se que:

Nos primeiros anos de vida somos levados a fazer inúmeras perguntas, porque as coisas se apresentam como que subitamente diante de nós. Aos poucos, porém vamos assimilando uma determinada interpretação, aquela precisamente do mundo em que vivemos (BUZZI, 2000, p. 168).

Ao refletir sobre a importância do período de questionamento para o desenvolvimento da aprendizagem e do conhecimento de mundo de uma criança, percebe-se o quanto é essencial assumir a postura de uma criança na etapa dos “porquês”, pois essa é uma postura filosófica na qual surge com o sentimento de busca, de vontade, de acolher e de interpretar o mundo que está em sua volta.

Na perspectiva de Freire (1987, p. 81):

A fé nos homens é dada a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Essa possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. Está convencido de que este poder de fazer e transcender. Pode renascer. Pode constituir-se. Não gratuitamente, mas pela luta por sua libertação. Com a instalação do trabalho e não mais escravo, mas livre, que dá a alegria de viver (FREIRE, 1987, p. 81).

Dialogar é um ponto chave da Filosofia, que pode levar à emancipação, pois, é por meio do diálogo, que se constrói o conhecimento, que se deixa de ser escravo da alienação que nos leva a fechar os olhos e a ser omissos a tudo o que é imposto. Infelizmente, a não abertura para o diálogo filosófico origina da concepção de que o indivíduo deve ser preparado para reproduzir o que é determinado, filosofando, há o risco do desenvolvimento do senso crítico, o que é uma ameaça para a manutenção da passividade social.

Ao assumir-se como sujeito ativo, que questiona, que argumenta, que tem fé em si e na sua classe trabalhadora, se liberta, perde o medo de arriscar-se, de assumir sua postura crítica, torna-se sujeito de suas ações, atitude essa que a educação, seja na disciplina de Filosofia, seja em outra disciplina, tem o dever de instigar o educando, viabilizar para que ele não se torne preso ao conteudismo, tão impregnado na educação brasileira e que limita o conhecimento. É mister destacar que a Filosofia é um convite

para que o povo do campo possa atuar de forma plena na sociedade, não se limitando ao campo teórico. Filosofar é transformar o cidadão e a ambiência em que ele interage, é reforçar que o processo evolutivo é contínuo e deve priorizar a transformação social que tanto almejamos. Filosofar é perceber que o campo e a cidade não são mutuamente excludentes, mas são complementares diante das suas peculiaridades. Filosofar é respeitar o outro, a diversidade de pensamentos, é saber que nada se constrói sozinho. Filosofar é diálogo e ação.

No que se refere à construção filosófica da escola do campo, é necessário perceber que sua construção não se desenvolve pela lógica das instituições educativas, que tem como foco suprir as demandas industrializadas que necessitam de mão de obra, o que é diferenciado do campo, ao qual as necessidades são outras, portanto, é uma negligência querer estabelecer um ensino urbano no campo, sendo essa uma das questões filosóficas a serem trabalhadas no contexto do ensino de Filosofia da Educação do Campo.

Em Santos (2018, p. 44 apud ALVES; ZENAIDE, 2018), destaca-se:

No campo a sobrevivência dos grupos sociais que ali persistem só é possível a partir de uma perspectiva de cooperação, troca e partilha de conhecimentos e trata-se de uma dinâmica extremamente articulada. [...] a escola campesina e o sujeito do campo percebam e respeitem esta produtiva, social e cultural irrecortável (SANTOS, 2018, p. 44 apud ALVES; ZENAIDE, 2018).

Consideramos relevante a necessária perspectiva de cooperação, de trocas e partilha de conhecimentos indicados pelas autoras(es) acima, porém, conhecendo a realidade onde atuamos nas escolas do campo, não podemos concordar que haja respeito a esta dimensão da produção social e cultural da vida campesina. Quiçá a filosofia nos auxilie nesse desvelamento e tornando-se, assim, uma ferramenta de luta nessa perspectiva emancipatória.

Segundo o Projeto Político-Pedagógico do curso de LEdoC (2016, p. 42), a disciplina de Filosofia objetiva:

Formar educadores para a atuação específica junto as populações que trabalham e vivem no campo e do campo, no âmbito das diferentes etapas das modalidades da educação básica, e da diversidade de ações necessárias para concretizá-las como direito humano e como ferramenta de desenvolvimento social (FACULDADE UnB PLANALTINA, 2016, p. 42).

Apesar de o Brasil, desde a sua formação, ser um país agrário, ao qual a essência sempre esteve no campo, os sujeitos que nele atuam não tiveram em sua historicidade o respeito e a consideração necessária, começando pela educação, pois, por muito tempo,

para ser alcançada, era necessário que o sujeito do campo deslocasse para a cidade e/ou que recebesse um ensino urbano dentro do campo, sem estabelecer qualquer relação com o que era ensinado.

Introduzir a Filosofia no ensino do campo permite que o(a) educando(a) reflita sobre o seu contexto social, sua vivência no campo e as possibilidades e os desafios que ele lhe oferece, compreendendo que não há necessidade de sair do seu espaço para se identificar como sujeito de sua história. O importante é sentir-se seguro com suas escolhas e o leque que elas possam ofertar e construir, independente do lugar que estejam, da sua satisfação pessoal, sem em nenhum momento atentar-se para um mercado passivo, que manipula a mão de obra e a coloca valorizada de acordo com os seus objetivos.

2.3 Pedagogia da Alternância e uma nova concepção no ensino da LEdoC da FUP

Apesar de não ser uma forma de ensino nova, a pedagogia da alternância ainda sofre inúmeros preconceitos e desconhecimento de sua proposta, dando uma conotação de ensino inferior ao regular.

No entanto, para quem é conhecedor de tal proposta, sabe o quanto essa pedagogia, que alterna período de teoria e prática, é enriquecedora para o aprendizado e o crescimento do(a) educando(a), mesmo porque envolve também a participação da família, da escola e comunidade de inserção, com os respectivos movimentos e organizações sociais presentes no território.

Não podemos pensar em uma pedagogia da alternância em que não haja a participação assídua da família, pois são essenciais na busca de uma formação integral, possibilitando estarem sobrevivendo com qualidade em sua propriedade ou, se perceberem que não é o que desejam, busquem alternativas de vida, como prosseguirem com os seus estudos.

Para Begnanci (2010), “a pedagogia da alternância, melhor CEEFFA¹, emergiu, evolui e se expandiu, constituindo-se em uma rede internacional de educação e numa referência para experiências de educação do campo no Brasil” (BEGNANCI, 2010, p. 32-33).

Diante do exposto, percebe-se que a construção de uma proposta de pedagogia da alternância ocorreu de forma lenta, conquistando aos poucos adeptos a essa proposta, mas que ao conquistar seu reconhecimento por muitos, expandiu-se, tornando experiência na

¹ Centros Familiares de Formação Por Alternância.

educação do campo, que vem enfrentando problemas ao longo do tempo, principalmente por não haver a contextualização de teoria e prática, proporcionando perspectivas naquilo que está aprendendo em sala de aula, onde poderá utilizar no dia a dia.

De acordo com a Secretaria e Coordenação de Educação e Formação (FETRAF) (2011):

A ênfase na agricultura familiar se justifica pela importância histórica, social e econômica que esta modalidade de organização social e produtiva apresenta no campo brasileiro. A agricultura familiar é uma forma de organização de trabalho que tem o controle sobre as decisões que se referem a cultura e criação a serem explorados (SECRETARIA E COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO, 2011, p. 50).

Sendo assim, as famílias do campo vêm construindo sua história, lutando socialmente por oportunidades de organizar-se produtivamente, com recursos econômicos e incentivos para sua permanência no campo.

Por muito tempo, quem trabalha no campo, assistiu a seus filhos irem abandonando a propriedade em busca de melhores oportunidades na cidade, por não terem alternativas, nem meios de sobrevivência em sua propriedade.

O referente artigo da Secretaria e Coordenação de Educação e Formação (FETRAF) (2011) destaca que:

A terra onde trabalha, para o agricultor familiar significa uma extensão de si mesmo na produção da existência. A agricultura familiar por outro lado é uma atividade econômica fundamental para o desenvolvimento socioeconômico do campo e do país (SECRETARIA E COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO, 2011, p. 50).

Nesse contexto, percebe-se a necessidade de criar mecanismos, para que haja uma agricultura familiar capaz de proporcionar qualidade de vida dos sujeitos que vivem no campo, construindo e contribuindo para a história do país.

Desde o início de sua formação, o Brasil tem como alicerce o trabalho no campo, não sendo diferente atualmente, pois é a produção realizada no campo que alimenta o país.

Não se pode deixar que perpetue a filosofia de que os(as) filhos(as) do campo terão melhores perspectivas de vida na cidade, pois esta filosofia só contribui para aglomeração nas cidades e aumento do índice de desemprego e outros fatores relacionados ao aumento desenfreado de pessoas nos centros urbanos. É necessário oferecer suporte com políticas públicas para que haja uma agricultura familiar em condições dignas de vida, com apoio financeiro e técnico, voltados a produção de

alimentos saudáveis, com infraestrutura de transporte, moradia, escoamento da produção, lazer, cuidados com a saúde e centros culturais articuladores da vida em comunidade.

Com relação à Pedagogia da Alternância, Pacheco e Grabowki (2012) destacam que:

A formação através da pedagogia da alternância centra-se em quatro grandes pilares. Quanto aos meios: a) a gestão do CEFFA é desempenhada por uma associação de agricultores; b) a metodologia utilizada é a pedagogia da alternância. Quanto aos fins: c) uma formação integral para as duas gerações: pais e filhos; d) o compromisso com o desenvolvimento econômico e social do local (PACHECO; GRABOWKI, 2012, p. 2).

O enfoque dado à pedagogia da alternância é essa alternância em que o(a) estudante tem entre a escola e a família, na qual exige o envolvimento da família para que o processo educativo tenha sucesso e cumpra seu papel.

Assim, é necessário ter como alicerce os objetivos desse ensino, não desviando da sua proposta quanto aos meios e quanto aos fins, defendidos por Pacheco e Grabowki (2012).

Ainda, com Pacheco e Grabowki (2012), é necessário ressaltar que:

A prática educativa da alternância vai do concreto ao abstrato, prioriza a experiência do aluno, valoriza os conhecimentos existentes no meio. A formação é desenvolvida a partir da realidade específica de cada jovem, valorizando a troca de experiências com os colegas, família, monitores e outros atores envolvidos. Formam-se jovens esclarecidos que tenham condições de defender seus próprios interesses e busquem superar a exploração do homem pelo próprio homem (PACHECO; GRABOWKI, 2012, p. 5).

Percebe-se que a pedagogia da alternância se diferencia em muito da filosofia de um ensino regular, no qual a metodologia e a forma de direcionar a aprendizagem do(a) estudante centram-se no cumprimento do currículo proposto, sem preparar o educando para o conhecimento da sua realidade e seu entorno, para conhecer, desvelar as contradições de seu espaço de vida e, com o aprofundamento nos conhecimentos da ciência, buscar formas de superação do que limita uma vida digna.

Reafirmando o enfoque da pedagogia da alternância, destaca-se a diferenciação da metodologia, na qual não prioriza a teoria, mas sim a utilização da teoria na prática. A troca de experiência é um fator essencial, no sentido de que a construção do conhecimento ocorre também na concepção de que o(a) estudante pode aprender e ensinar ao mesmo tempo. Acredita-se que o(a) jovem pode receber uma educação para a vida, com sentido e significado, desde o chão onde esta acontece, e/ou deveria acontecer.

Segundo Silva (2011):

As escolas devem ser pensadas para oferecer um ensino de qualidade por meio de estrutura adequada com formação e valorização do corpo docente. A partir desse direcionamento a realidade estigmatizante do campo passará a um estágio de construção de uma identidade, no sentido de pertença, com acesso ao conhecimento e a cultura (SILVA, 2011, p. 26).

A construção de uma escola que atenda aos anseios do campo não é construída isolada, muito menos com o cumprimento de normas burocráticas vindas de cima para baixo.

Construir uma proposta educativa que venha a atender o campo é pensá-la de forma coletiva, que envolva diferentes segmentos da sociedade, que tenha estrutura condizente ao que é proposto, assim como professores(as) envolvidos(as) e conscientes do que seja essa forma de ensino/aprendizagem.

A implantação de uma escola por alternância nem sempre é aceita pela sociedade, mesmo porque muitos não têm o conhecimento necessário para aceitar outra forma de ensino que não seja o tradicional. Para tanto, o sucesso da pedagogia da alternância depende do conhecimento e do envolvimento de seus atores.

Espera-se que, por meio de um ensino que haja a contextualização da teoria com a prática, proporcione aos(as) filhos(as) do campo maiores oportunidades de vida, em que suas escolhas sejam conscientes e integradas com que realmente querem.

Para Begnami (2011):

A educação do campo projeta a educação para além das cercas da escola, propondo princípios de educação que partem das lutas e reforçam as práticas sociais. Defende a tese de que não há saberes menores ou maiores, mas diferentes. É concebida pelos trabalhadores para que eles tenham o direito de acessar os conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, mas que possam, além disso, fazer a crítica, problematizar e construir novos saberes. E que estes contribuam na solução de problemas e sejam referência para outra lógica de produção e de trabalho, que não seja a do trabalho na lógica dos princípios capitalistas (BEGNAMI, 2011, p. 33).

Sendo assim, a Educação do Campo não pode se basear nos conceitos tradicionais, aos quais muitos conteúdos ficam restritos à escola, sem qualquer relação e utilização na vida. Construir a Educação do Campo é percebê-la como um processo de ensino, onde a troca de saberes enriquece a construção do conhecimento, priorizando o respeito e a interação entre os diferentes saberes.

É sabido que os princípios capitalistas direcionam à sociedade para o princípio da lucratividade, do consumismo e, principalmente, do individualismo, concepção essa

que não pode fazer parte da perspectiva da Educação do Campo, na qual o(a) educando(a) deve ter uma formação que proporcione a ele(a) a polivalência e a tomada de decisão consciente.

Diante do exposto, observa-se que a pedagogia da alternância, concepção de ensino adotada na Faculdade UnB Planaltina (FUP), viabiliza a aplicação dos conceitos aprendidos nas disciplinas de Filosofia da proposta curricular do curso de LEdoC, uma vez que desperta nos(as) educandos(as) a constante integração entre a teoria e a prática. Trata-se de uma mão de via dupla, em que os conceitos filosóficos aprendidos podem ser aplicados na ambiência do campo e os conhecimentos tradicionais/ancestrais desses povos podem ser estudados e analisados em uma perspectiva filosófica, a fim de envolver as melhores estratégias de ação no que concerne ao envolvimento do campo e da sua gente, nas esferas pessoal, social, acadêmica e profissional.

2.4 Projeto Político-Pedagógico da LEdoC

Na busca em construir uma gestão democrática, garantindo que a escola do campo construa sua autonomia, a equipe gestora é muito mais que administração, busca a tomada de decisão do grupo, em que todos passam a discutir e a traçar metas que envolvem todo o âmbito escolar. É necessário e exigido o modelo de gestão democrática com construção coletiva do Projeto Político-Pedagógico.

Segundo Gadotti (1998), a sociedade atual, globalizada, exige cidadãos autônomos, participativos, que tenham poder de decisão. Nessas circunstâncias, questiona-se a educação ofertada pelas instituições educacionais, sabendo que a tipologia educacional consiste em ser moderna, oferecida ao longo dos anos, e não responde ao que é exigido, levando a várias discussões e necessitando mudanças, inclusive a implantação de um Projeto Político-Pedagógico próprio, que atenda às necessidades da escola.

Para Gadotti (1998), ao se pensar em elaborar um projeto, devemos estar atentos da sua importância e seu significado, assim como as dificuldades, os obstáculos e os elementos facilitadores para sua elaboração.

Na perspectiva de Veiga (2000, p. 12), “proposta significa lançar para frente, quebrar um estado confortável”. Nesse sentido, o Projeto Político-Pedagógico não será construído, buscando cumprir uma burocracia, mas elaborado coletivamente, contando com a participação de todos(as) os(as) envolvidos(as), não será pronto e acabado, mas um processo em constante avaliação, buscando, conforme afirma Veiga (2000, p. 13), que

nesse sentido ele é também um projeto político.

Sabendo da importância da construção e aplicabilidade prática do Projeto Político-Pedagógico, a LEdoC valoriza e prioriza o que está construído nesse documento, tendo como alicerce o objetivo primordial que é a formação de educadores(as) para atuarem com uma população tão importante que é a do campo, preparando profissionais capacitados(as), conscientes do perfil do(a) educando(a) do campo, que devido às condições desiguais existentes, necessitam desenvolver o senso crítico, questionando, não aceitando o que é imposto e que os desvalorizam, mas sim, assumindo sua postura de sujeito construtor da sua história.

Diante disso, Freire (1987, p. 67) aponta que:

A educação que se impõem aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a de conteúdo, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1987, p. 67).

Dessa forma, a LEdoC, por meio do Projeto Político-Pedagógico vigente e reconstruído conforme sua necessidade, acredita na educação como forma de emancipação, principalmente para a educação do campo, que traz em sua historicidade uma trajetória de luta, abandono, descaso político e desigualdade.

Considera-se que a construção do Projeto Político-Pedagógico, em sua essência, deve respeitar e alicerçar-se nas leis educacionais vigentes, sem, no entanto, não olhar para os sujeitos aos quais educa e prepara para atuarem como mediadores do conhecimento, portanto:

O investimento na formação de professores para atuar nestas escolas ou mesmo no incentivo à formação de professores para que se possam abrir novas escolas, tem sido um ponto importante do debate nos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo em todo Brasil, vez que um dos argumentos para o fechamento das escolas ou na abertura de novas unidades escolares, especialmente de Ensino Médio no campo, referem-se à falta de professores formandos para atender essa demanda existente. Estes argumentos são seguidos de outros, como distâncias, custos financeiros para justificar que jovens e adultos e até crianças saiam de suas comunidades para os centros das cidades e/ou outros municípios para continuar estudando. Muitos desistem, e assim aumentam o contingente de moradores do campo que abandonam a escola (FACULDADE UnB PLANALTINA, 2016, p. 25).

Observa-se que a existência da LEdoC partiu de uma necessidade, impulsionando as políticas públicas educacionais, investimentos para a concretização de um curso específico que se identifica com o sujeito do campo, sabe de suas especificidades, suas limitações e, acima de tudo, da importância de uma educação alicerçada nos preceitos da liberdade, da autonomia, da construção de sua identidade enquanto sujeitos do campo.

Para Veiga (2000, p. 38), “a elaboração do projeto precisa ser obra comum dos envolvidos, pois apenas os que viveram as dificuldades encontradas no dia a dia têm condições para propor mudanças”.

Nesse aspecto, Veiga (2000) nos fala da importância dos conflitos existentes nas relações de trabalho na escola para a elaboração do projeto, pois a partir dos conflitos, é que se propõem mudanças. É nessas relações conflitantes, onde todos opinam, discutem a situação “real”, expondo o “ideal”, analisando e criticando o “legal”, abrem o caminho para se libertar da descentralização do poder.

Nesse contexto, Veiga (2000, p. 96-97) afirma que:

A autonomia da escola é um tema cuja importância mostra-se crescente, refletindo algumas tendências mundiais, encontradas na dinâmica das modernas organizações públicas ou privadas. Sua aceitação implica na ruptura no modo tradicional de compreender e atuar na realidade, a autonomia impõe um novo padrão de política, planejamento e gestão educacionais, tanto do ponto de vista da escola como dos sistemas de ensino (VEIGA, 2000, p. 96-97).

Conquistar a autonomia dentro de uma instituição educativa, conforme é o que está alicerçado em sua construção, é parte do desafio, mesmo porque no âmbito educacional o costume que vem sendo alimentado é o comprimento de ações que chegam “de cima para baixo”, como se cada instituição educativa não tivesse sua própria realidade, como se fossem todas iguais.

Um dos preceitos básicos existentes na proposta de formação de educadores para atuarem no campo está o diálogo, a discussão, a troca de saberes, pois acredita-se que a verdadeira educação não é alicerçada por uma metodologia conteudista, na qual o educando é apenas receptor de conhecimentos prontos. O importante é a construção da autonomia, da busca pelos saberes, compreendendo realmente o objetivo do que está sendo aprendido.

Nesse contexto:

Por entendermos que a educação pode ser transformadora e que é necessário (senão urgente) que as/os educandas/educandos dos cursos de Licenciatura acessem as mais diversas perspectivas de conhecimento, perspectivas essas que espelhem as pluralidades e

diversidades presentes em nossa sociedade multicultural e multirracial, a centralidade dessas questões deve ser entendida como uma resposta histórica, a igualmente histórica invisibilidade da existência dos povos e populações do(s) campo(s) brasileiro(s) (FACULDADE UnB PLANALTINA, 2016, p. 52).

Diante do exposto, acredita-se que, para atingir a mudança no âmbito educacional, principalmente no campo, é essencial que o foco seja a formação do profissional que trabalha diretamente com o(a) educando(a). É importante destacar que a sociedade hodierna oferece inúmeros recursos de acesso à informação, cabendo a cada um saber utilizar em prol de seu aperfeiçoamento. Dessa forma, a LEdoC propõe que o(a) educando(a) perceba a diferença do que realmente é a busca de conhecimento, articulando os recursos ao seu dispor para seu aprimoramento enquanto aprendiz permanente.

Se recorrermos a história, analisando as conquistas as quais os grupos sociais menos favorecidos conquistaram, o alicerce da luta foi a necessidade de mudança, de transformação, da conquista de uma nova realidade. É certo que todas as conquistas não foram alcançadas, mas de certa forma as mudanças só ocorreram devido à luta e à exigência de uma nova realidade.

Uma educação destinada ao campo não pode ser alicerçada a um ensino no qual não haja uma preparação adequada do(a) educador(a). Para tanto, uma das grandes conquistas é essa proposta trazida pela LEdoC, em oferecer um ensino de qualidade a esse grupo específico, que é uma parte considerável do país, que traz pessoas que residem no campo e periurbano para atuarem em escolas do campo, contribuindo para a construção de um projeto de país inclusivo e soberano na construção de conhecimentos.

Podemos dizer que o objetivo maior na LEdoC é formar professores (as) para as Escolas do Campo, que possam contribuir para que estas escolas sejam vivas, profundamente comprometidas com a transformação da realidade dos povos do campo. Por isso a compreensão é que o processo educativo/formativo acontece em tempos, lugares, ritmos diferentes, mas numa permanente integração e articulação. Nesse sentido o Tempo Comunidade (períodos que os estudantes permanecem nas famílias, nas Comunidades, nos Assentamentos, nas Escolas de Inserção) e o Tempo Universidade (períodos que os estudantes permanecem na Faculdade UnB Planaltina) são distintos e diferentes, mas não antagônicos, e nem com primazia de um sobre o outro (FACULDADE UnB PLANALTINA, 2016, p. 93-94).

O Projeto Político-Pedagógico é uma proposta que visa a uma ação transformadora, na qual estudantes possam adquirir uma consciência crítica e estar comprometendo-se com seus direitos e deveres, tornando-se sujeitos do processo, mais

independentes e preparados(as) para debater as situações que requerem a participação e proatividade.

Constata-se que a escola tem por objetivo “proporcionar ao educando(a) a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, reconhecendo seus limites para o desenvolvimento de sua identidade e autonomia”, preocupada com a formação de cidadãos(ãs) conscientes de seus deveres e direitos perante a sociedade.

Com relação à Filosofia, a escola necessita cultivar valores, e a cidadania está inserida na realidade local e universal, atenta às transformações sociais, num ambiente acolhedor que oferece espaço para o crescimento, para a promoção da vida e para a dignidade voltada para a formação integral do ser humano.

Nota-se que a democracia é um aspecto importante para a escola, sendo ela integrada ao seu Projeto Político-Pedagógico. Sendo assim, com relação à democracia, Rays (2001) aponta a necessidade dessa temática na escola, sendo imprescindível ao desenvolvimento do ambiente escolar. Desse modo, o planejamento das atividades deve estar assentado na realidade social e cultural na qual a comunidade escolar está inserida, então o projeto deve conter além da realidade, utopias que deverão ser alcançadas.

Dessa forma, Gonçalves e Abdulmassih (2001, p. 2) afirmam que:

A construção do projeto político pedagógico é a forma subjetiva de a escola dar sentido ao seu saber fazer enquanto instituição escolar: é a realização concreta de seus sonhos, onde ações são desconstruídas e reconstruídas de forma dinâmica e histórica; é a revelação de seus compromissos, sua intencionalidade e principalmente a identidade de seus membros (GONÇALVES; ABDULMASSIH, 2001, p. 2).

Com relação aos objetivos, destacam-se: promover o desenvolvimento de capacidades cognitivas; promover as condições para identidade cultural; preparar para o trabalho e para a sociedade; desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, da imaginação; e desenvolver a formação de valores éticos e críticos.

Considerando o Projeto Político-Pedagógico do curso de LEdoC da Faculdade UnB Planaltina (2016), observa-se a relevância das disciplinas de Filosofia na proposta curricular do curso em questão, uma vez que essas disciplinas contribuirão para a construção de uma educação emancipadora, preconizada pelo próprio Projeto Político-Pedagógico. Além disso, acrescenta-se o importante papel dessas disciplinas na multiplicação de conceitos essenciais, inerentes ao Projeto Político-Pedagógico, tais como: o aprendizado independente e ao longo da vida; a autonomia de pensamento; a educação emancipadora; o pensamento crítico e reflexivo; o protagonismo das ações

dos(as) educadores(as) do e no campo; a aprendizagem significativa; e a atuação ética e responsável nessa ambiência, tendo como alicerce o desenvolvimento sustentável nas regiões de atuação.

No contexto do Projeto Político-Pedagógico do curso de LEdoC, a Filosofia proporciona a formação de sujeitos geradores de conhecimentos essenciais para o campo, não sendo meros reprodutores dos conhecimentos já produzidos. A Filosofia é um convite para que os sujeitos do campo exerçam constantemente as suas faculdades mentais, ou seja, o desenvolvimento de um pensamento comprometido com a efetiva resolução dos problemas específicos do e no campo. Para tanto, as disciplinas de Filosofia presentes no curso de LEdoC impulsionam a formação de sujeitos capazes de resolver e tomar decisões de forma eficiente e eficaz, tendo como base a construção e o desenvolvimento de uma educação crítica, capaz de considerar o sujeito em sua totalidade.

3 METODOLOGIA

Para responder as questões levantadas na problematização desta pesquisa, procurou-se adotar uma prática de contextualização com a realidade do campo, das informações obtidas e analisadas tanto na revisão de literatura quanto na produção dos discentes no âmbito das disciplinas de Filosofia, ofertadas pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB Planaltina (FUP).

Na perspectiva da abordagem qualitativa utilizada, a pesquisa científica está presente nas diversas instâncias da vida em sociedade (política, social, econômica e educacional). Segundo Ana e Lemos (2020, p. 532), a pesquisa qualitativa tem como objetivo “promover e confrontar dados e informações sobre determinado assunto, a partir de um embasamento teórico sólido a respeito do objeto que está sendo pesquisado”. Nesse prisma, ganham relevo o registro e a explicitação dos conhecimentos adquiridos pelos(as) discentes nas disciplinas de Filosofia, bem como a aplicação desses conhecimentos na construção e na consolidação de uma Educação do Campo crítica e emancipadora, formando e multiplicando sujeitos do campo que reconhecem o seu importante papel na sociedade, tendo como sustentáculo a luta coletiva para garantir uma vida justa, digna e igualitária.

Privilegiou-se, assim, o enfoque qualitativo, de caráter descritivo, inspirado nos princípios da análise documental como procedimento da pesquisa. No campo educacional, a pesquisa científica, numa abordagem qualitativa, tem encontrado no materialismo histórico-dialético, o método mais apropriado para a difusão do conhecimento social em educação, pois busca encontrar soluções para a transformação da realidade vivenciada, tanto no plano do conhecimento quanto no plano histórico-social. Nesse sentido, é basilar o estudo dos conceitos filosóficos aplicados na perspectiva da realidade camponesa, com os seus conhecimentos históricos e tradicionais. A Filosofia permite que os sujeitos integrantes dessa ambiência possam desenvolver o pensamento, alicerçado na autonomia, na liberdade, na crítica e na reflexividade, elementos fundamentais para a preservação da cultura desses povos, bem como na luta pela manutenção dos direitos adquiridos e pela conquista dos que estão por vir.

Fundamenta-se, também, nas reflexões trazidas pela pesquisadora, de autores envolvidos com a modalidade, sobre a importância do aprendizado de Filosofia pelos(as) estudantes de LEdoC da FUP.

Um dos aspectos a ser privilegiado no enfoque qualitativo é o caráter descritivo, principalmente na análise documental, cujo foco é necessário em determinada parte da pesquisa, pois ela não é feita apenas da coleta de dados, mas também da contextualização entre a teoria levantada e a prática, na qual pretendeu-se investigar. Nesse sentido, a prática é representada pelos trabalhos produzidos pelos(as) discentes nas disciplinas de Filosofia, ofertadas pelo curso de LEdoC da FUP, uma vez que essa produção apontou os conhecimentos adquiridos nas respectivas disciplinas, considerando a influência desse aprendizado na realidade do campo.

No que diz respeito à prática de pesquisa, o foco principal recaiu no significado que os(as) discentes deram às coisas e às suas vidas, buscando extrair as principais perspectivas dos participantes quanto aos conceitos filosóficos aprendidos.

Uma das principais vantagens do método qualitativo empregado foi o fácil acesso aos discentes que cursaram as disciplinas de Filosofia por um baixo custo (CAMILLO, 2017, p. 28), fator considerado no planejamento desta pesquisa. Caso as entrevistas fossem realizadas de forma presencial, teríamos que empreender vários deslocamentos para chegar até os sujeitos, já que o território abarcado é deveras amplo, o que se tornaria bastante oneroso, inviabilizando a consecução do estudo.

Com base nessas proposições, a presente pesquisa fundamentou-se, também, nas reflexões trazidas pela pesquisadora, de autores envolvidos com a discussão proposta, sobre a importância da Filosofia para a educação crítica e emancipadora do/no campo, considerando as peculiaridades inerentes a esse cenário.

Nessa esteira, no âmbito da pesquisa qualitativa, descritiva e documental, analisaram-se 17 trabalhos produzidos pelos estudantes nos componentes curriculares de Filosofia 1 a Filosofia 5, integrantes do currículo de referência (UnB) do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB (LEdoC UnB), a fim de identificar os conceitos filosóficos aprendidos pelos(as) discentes, bem como, com o mesmo propósito, aplica-se um questionário de perguntas abertas com 5 estudantes, que apontaram as suas percepções do ensino de Filosofia em diversos segmentos da vida: individual, social, profissional e acadêmica. Além dos trabalhos analisados, verifica outros documentos importantes para fomentar as discussões na revisão de literatura, tais como: o Projeto Político-Pedagógico do curso (PPPC) de Licenciatura em Educação do Campo e o currículo com enfoque nos componentes curriculares de Filosofia ofertadas.

4 PRODUÇÃO DISCENTE NAS DISCIPLINAS DE FILOSOFIA

No decorrer das disciplinas de Filosofia, um dos aspectos importantes que contribuem para o desenvolvimento pessoal, profissional e social dos(as) discentes são os trabalhos que eles(as) produzem, nos quais exigem a leitura, o levantamento de dados, a análise e a contextualização do conhecimento filosófico construído.

Sendo assim, a discussão apresentada neste tópico objetiva o enriquecimento do conhecimento com relação ao aprendizado de Filosofia no decorrer do curso, contextualizado mediante pesquisa e levantamento de dados, cujas produções reafirmam o compromisso de cada discente em sua aprendizagem.

Para Soares e Júnior (2012, p. 4):

[...] a Filosofia da práxis nasce de um contexto histórico e político em que o materialismo histórico surge como teoria política negando o idealismo de Hegel. Enquanto este expressa a filosofia como produto da época e resguardado a ideia do Estado necessário, Marx une a Filosofia ao problema da desigualdade presente na sociedade, indo além de mera especulação situando o pensamento filosófico em estreita relação com a sociedade. A Filosofia aqui cumpre uma perspectiva social em que Hegel é negada (SOARES; JÚNIOR, 2012, p. 4).

No estudo da Filosofia enquanto mecanismo de emancipação é importante compreender o período em que se vive, bem como a manipulação do Estado na manutenção de seus interesses, incluindo a formação de sujeitos passivos, que aceitam um sistema cujo beneficiado é sempre o regime político vigente, manipulador de tal forma que parece ser necessário, ideal e aceito por seus protagonistas. A seguir, vislumbram-se as perspectivas dos estudantes de LEdoC no âmbito dos trabalhos produzidos nas disciplinas de Filosofia.

Para o estudante 1, as primeiras aulas de Filosofia na LEdoC foram essenciais para descobrir o “eu” interior, estabelecendo a conexão com o que queria e com o que esperava do curso, assim como a missão que o curso traz, afirmando que “há uma grande diferença entre quem adquire o conhecimento de maneira que contribua na transformação e na evolução do meio em que está inserido” (ESTUDANTE 1, 2021, p. 5). Observa-se, assim, a importante função da Filosofia para que os sujeitos do campo possam compreender a si mesmos e os seus papéis diante da sociedade, exigindo uma postura ativa e transformadora no ambiente em que estabelecem as suas relações sociais.

O estudante 2 afirma o quanto tinha uma concepção ingênua de si mesmo, do seu papel social e da influência do sistema, mesmo que de forma inconsciente aderira a ele, acreditando em uma autonomia camuflada, cita Politzer (1962, p. 20): “não é verdade que

esse homem seja, ao mesmo tempo, ignorância e necessidade de aprender? Enquanto estuda, ele é luta das duas forças contrárias”. A Filosofia permite, assim, que os sujeitos do campo desloquem de uma posição passiva para o centro do processo de aprendizado, tendo como base as melhorias que tanto almeja na sociedade. Nesse processo cíclico, constata-se a necessidade de sempre internalizar novos conhecimentos filosóficos, uma vez que a sociedade está em constante mudança e outras problemáticas surgem para serem solucionadas de maneira proativa, crítica e reflexiva.

Recorrendo ao trabalho realizado em determinada disciplina de Filosofia do curso de LEdoC, o estudante 3 afirma:

O materialismo dialético esclarece por que as diferenças sociais existiam e por longos séculos, que constituíram, assim, a chamada Idade Média. Ela foi moldada numa perspectiva racional (razão) associada à fé. Porém, tudo isso não mudava a essência da coisa: a realidade era explicada pela razão, pelo pensamento, embora religioso, mas dotado de uma lógica, as causas eram remetidas a outro plano, metafísico, simplesmente porque assim se adequavam as classes que dominavam (ESTUDANTE 3, 2021).

A discussão sobre o materialismo dialético é importante no estudo da Filosofia, principalmente porque permite ao discente analisar criticamente a construção histórica da sociedade e as diferenças sociais existentes em cada período histórico. É um momento ao qual o educando compreende o que está por trás das políticas públicas dificultarem o estudo da Filosofia, pois é a partir das reflexões filosóficas que levam os(as) discentes a questionarem e a assumirem uma posição frente a realidade/sociedade.

Na perspectiva do trabalho produzido em determinada disciplina de Filosofia do curso de LEdoC, o estudante 4 afirma que é impossível falar em educação separado da Filosofia, pois o processo de educar exige em si a Filosofia, mesmo que de forma inconsciente. Para o estudante 4, a sociedade nos molda, sendo a educação um mecanismo eficaz nesse processo, no contexto de que infelizmente conduz a perpetuação de valores estabelecidos, difíceis de serem rompidos e mais difíceis, ainda, de construir outros que elevam para a libertação. Para tanto, é preciso que ocorra uma mudança na própria filosofia de ensino, preparando o educando para a resolução de problemas complexos da vida e, não, para a prática de decorar e ser mero reprodutor do conhecimento.

Segundo Costa (2020, p. 4):

Quando um professor inova na forma de ensinar acaba envolvendo todos os seus estudantes e ele não terá mais que gastar tanto tempo chamando a atenção deles para que prestem atenção na aula. Por isso, é preciso aproximar-se da realidade dos alunos para dentro da sala de aula

e proporcionar uma experiência real por meio de métodos prazerosos e interessantes. Uma forma de conseguir isso é promovendo uma investigação dos problemas da localidade onde eles residem. Dessa forma, o ensino estará se aproximando da realidade dos alunos e a motivação será instantânea (COSTA, 2020, p. 4).

Na ótica do estudante 5, no decorrer do trabalho realizado em determinada disciplina de Filosofia do curso de LEdoC, afirma que a escola se tornou um local em que os pais/familiares transferem a responsabilidade total da educação dos seus filhos, omitindo-se de sua responsabilidade em oferecer aos filhos os princípios básicos da educação.

Não é um fato isolado e muito tem a ver com o estudo da filosofia, no sentido de que compreender a si mesmo, sua relação com o mundo e como poder atuar para transformá-lo envolve um processo que não se resume a vida escolar, mas em toda sua vivência nos diferentes grupos sociais, cujo primeiro é a família. Assim, a Filosofia se distancia de qualquer atitude relacionada à eximção de responsabilidade, uma vez que é uma área do conhecimento humano direcionada à participação crítica e ativa nas diferentes esferas da vida: pessoal, social e laboral.

O estudante 6 aborda a perspectiva do conhecimento filosófico como forma de transformação da realidade, inferindo-se que é necessário trabalhar o conteúdo de acordo com o cotidiano do(a) educando(a), independente da etapa que seja, reafirmando a importância de que estes(as) se percebam como sujeitos de transformações, capazes de atuarem e melhorar o contexto em que vivem. Nesse sentido, vislumbra-se o estudo dos conhecimentos tradicionais dos povos do campo em uma abordagem filosófica, a fim de que a intervenção nessa ambiência seja realizada de maneira consciente e em sintonia com essa realidade, fortalecendo os laços e as lutas que unem a população campesina.

No trabalho da estudante 7, pode-se transcrever o seguinte trecho:

Estava presa com as amarras das crendices, do individualismo, uma pessoa enclausurada somente no mundo das próprias ideias. Com a Filosofia, procurei a liberdade de decidir por mim mesma, além de compreender a militância para tornar-me educador do campo, que procura construir uma educação transformadora, igualitária e humana, que possibilita analisar o mundo com novos olhares (ESTUDANTE 7, 2021).

Não se pode negar o quanto a Filosofia nos conduz a refletir sobre nós mesmos e sobre nossa atuação no espaço social em que vivemos, no qual percebemos a responsabilidade do caminho a seguir, sendo ele para a transformação ou para a alienação, reproduzindo conceitos que são impostos. Assim, percebe-se o quanto o ensino de

Filosofia incomoda o sistema sociopolítico imposto, tendo em vista que as discussões e as reflexões propostas pela Filosofia interferem na mudança de pensamento e de comportamento de muitos indivíduos, possibilitando a eles atuarem com autonomia e responsabilidade socioambiental.

A estudante 8 argumenta:

O estudo da Filosofia possibilitou desbloquear a visão empírica de uma idealização de realidade que sempre convivi, era apenas uma mera ilusão, uma fantasia fora da realidade que acreditava, não observando o contexto da realidade em que eu estava inserida. Portanto, todo ser humano, em qualquer época da história, se pergunta: “quem sou eu?”, “para onde vou?”, “qual a função que tenho na vida?” e “qual a razão para a minha existência?”. O constante processo de aprendizagem da Filosofia despertou o reconhecimento de uma visão alienada que permeava o meu cognitivo, no qual eu me deparava com a verdade absoluta que encontrava através dos meios midiáticos (ESTUDANTE 8, 2021).

Percebe-se a importância da Filosofia para que o indivíduo mude sua concepção de mundo e os valores que o alicerçam. É eficaz para impulsionar o conhecimento da realidade, de sua posição do mundo e a força que tem em transformá-lo, porém, um poder de transformação camuflado, cujo sistema não permite sua abertura, tanto que estudar Filosofia é cada vez mais limitado no âmbito escolar, considerado para muitos uma disciplina desnecessária e que não deve estar inserida na proposta curricular.

O estudante 9 complementa que educar com base na Filosofia é um desafio, uma vez que não se restringe ao ambiente educacional, mas sim, consiste em pensar no(a) discente como um ser social que convive e atua em diversas esferas sociais. A formação dos(as) educadores(as) com base na Filosofia está além da docência, deve ser coerente com sua práxis social. Assim, não se limita à docência, pois eles transformam a sociedade, inclusive politicamente, sendo a Filosofia o mecanismo de transformação social.

Conforme o estudante 10, ao estudar a Filosofia, somos inseridos na reflexão de grandes pensadores e, assim, compreendemos o contexto que vivemos. Ele ressalta que a Filosofia é essencial para a formação da consciência crítica, pois leva ao questionamento e à reflexão, não admite imposições, por isso, no contexto da sala de aula, é temida, leva os educandos ao questionamento e à construção da autonomia.

Em seu trabalho, o estudante 11 inicia com a seguinte fala de Freire: “Ninguém educa ninguém; ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizado pelo mundo”, citação essa, que define o quanto a construção do conhecimento está interligada com a Filosofia, pois é um processo de busca, interação e diálogo com o

conhecimento, cabendo a cada um seu entendimento, conforme sua mediatização com o mundo. O conhecimento é construído, não introduzido, imposto, moldado, mesmo porque cada um tem sua própria construção.

Afirma o estudante 11:

O estudo da Filosofia possibilitou desbloquear a visão empírica de uma idealização da realidade que acreditava, não observando o contexto da realidade em que eu estava inserida. [...] O constante processo de aprendizagem da Filosofia despertou o reconhecimento de uma visão alienada que permeava meu cognitivo, no qual eu me deparei com a verdade absoluta que encontrou através de meios mediáticos (ESTUDANTE 11, 2021).

Não é fácil romper com o sistema que aliena o(a) cidadão(ã) brasileiro, mesmo porque desde o início do processo educativo no Brasil, busca-se a garantia da dominação do indivíduo, processo esse, tradicionalmente aceitável aos países emergentes, incluindo o Brasil, pois assim garante que a política da manipulação prevaleça.

Diante do exposto, é socialmente compreensível que o ensino de Filosofia no contexto da educação brasileira seja tratado de forma banal, ao qual sempre é sujeita a complementação de carga horária do(a) professor(a), mesmo que este não seja habilitado para assumi-las, considerando tal disciplina uma mera formalidade, tanto é que sua carga horária é mínima e apenas no Ensino Médio.

A Filosofia, desde o início, com os primeiros filósofos, instiga a descoberta do indivíduo, de si mesmo, sua origem, o que está a sua volta, mas, acima de tudo, a indagação que não está sujeita a qualquer resposta, mas sim, ao aprofundamento, posicionamentos esses, que incomodam e desarticulam a manutenção do poder alienador, tecendo a rede da liberdade.

Não se pode negar a influência que o processo educativo exerce sobre o indivíduo, tanto é que os direcionamentos das políticas públicas brasileiras estão sempre buscando alienar e manipular, quando se fala em educação do campo, os problemas se intensificam, mesmo porque esse grupo é visto como obstáculo para os que estão no poder.

Guimarães (2020, p. 265) afirma que:

Uma Filosofia que pretende se colocar a serviço das lutas camponesas deve se vincular a um paradigma educacional que reconheça a escola como um espaço de transformação social. Daí sugerimos, do ponto de vista metodológico, o distanciamento em relação à Filosofia Analítica, que se vincula a uma concepção mais tecnicista da Educação, e uma aproximação com as epistemologias que possuem o materialismo histórico marxiano como ponto de partida. Afinal de contas, o compromisso ético-político dos educadores que se vinculam ao

marxismo é a transformação radical da sociedade, e não apenas o seu progresso (GUIMARÃES, 2020, p. 265).

A luta do campo é árdua, injusta, principalmente pela forma como a sociedade encara, considerando o indivíduo do campo da forma a qual a mídia e as políticas públicas a tratam. É destaque a forma drástica que muitos perderam a vida, lutando por uma proposta para o campo que atenda às pessoas que vivem e produzem culturas no campo em todas as suas especificidades.

Se recorrermos a construção histórica brasileira, percebemos que, desde o início de sua formação, o campo e os indivíduos que neles atuam estiveram presentes, consistindo por muito tempo a maioria da população, mas infelizmente são características que são deixadas de lado na organização do processo educativo.

O indivíduo do campo, mesmo sendo ele(a) sujeito importante na construção da nação brasileira, esteve e está à margem da sociedade, conquistando direitos alicerçados por muitas lutas, muitas perdas e marcas que jamais serão apagadas, carregando as sequelas das injustiças da divisão social, principalmente no que se refere à distribuição de renda e às políticas públicas voltadas para a superação das desigualdades socialmente construídas e mantidas.

Pensando na importância da Filosofia em todas as etapas da educação, principalmente para os indivíduos do campo, que são os principais afetados pela política dominante e centralizada do país, o estudante 12, em trabalho realizado em uma disciplina de Filosofia, destaca:

O ato de estudar também envolve questões valorativas. Afinal, para que se estuda? Apenas na perspectiva de se garantir certo nível material de vida? Tal objetivo realmente existe, porém, estudar também é exercício da cidadania: é por meio dos diversos saberes que se participa do mundo do trabalho, das variadas instituições, da vida cotidiana, articulando-se o bem-estar próprio com o bem-estar de todos. As relações sociais internas à escola são pautadas em valores morais. Como devo agir com meu aluno, com meu professor, com meu colega? Eis questões básicas do cotidiano escolar. A prática dessas relações forma moralmente os alunos. Como já apontado, se as relações forem respeitadas, equivalerão a uma bela experiência de respeito mútuo (ESTUDANTE 12, 2021).

Diante dessa colocação do estudante 12, é importante lembrar uma velha fala que sempre se ouve, quando nossos pais e/ou responsáveis nos falam da importância de estudar: “estude para que seja alguém na vida”. A partir do momento que nascemos, já somos alguém, somos gente. Estudar é um mecanismo que nos proporciona assumir a construção da nossa história, enquanto sujeitos capazes de questionar a realidade e as

imposições, conhecendo o que temos de direito e de deveres, impondo-nos na conquista da libertação.

No entanto, ao frequentar a escola, essa será capaz de proporcionar a emancipação, se conduzir o processo educativo de forma a sermos sujeitos, caso contrário, forma-nos para continuar a manutenção de um sistema alienado, dominador, em que o poder sempre esteja nas mãos daqueles que defendem aos interesses da minoria, ou seja, onde poucos “mandam” e a maioria “obedece”.

Para que o processo educativo seja conduzido ao caminho de um saber que liberta e não manipula, o estudo da Filosofia é primordial, no entanto, é limitada nas propostas curriculares das escolas direcionada ao mínimo possível de acessibilidade dos(as) educandos(as), pois instiga ao questionamento, leva à reflexão do que nos cerca, direciona-nos a não aceitar sem questionar, portanto, não atende aos interesses dos que querem conservar um sistema coeso, mantenedor do conformismo e aceitação.

Recorrendo ao estudante 13, em seu trabalho realizado no âmbito de uma disciplina de Filosofia, discute-se:

Ao entrar para a graduação no curso de Licenciatura em Educação do Campo, o estudante que se tornará um educador, logo no primeiro semestre, conhece o funcionamento do sistema capitalista, entendendo sua condição de oprimido e as diversas manipulações históricas que culminaram para que a sociedade seja hoje o fruto de toda a falsidade alimentada há milhares de anos, o estudante então entra num processo de transformação contínuo na luta contra tudo o que esse sistema articula, dividindo completamente a sua vida entre o antes da LEdoC e o depois (ESTUDANTE 13, 2021).

Nesse sentido, ser estudante das disciplinas de Filosofia, presentes no currículo de Educação do Campo, nos proporciona sermos diferenciados, mesmo porque é impossível não passarmos por um processo de mudança enquanto pessoa e cidadão, ao qual compreende as artimanhas de um sistema manipulador, desigual, cujo impulso gira em torno do capital, em que a mão de obra é o alicerce do lucro para os que estão à frente dos que dominam os meios de produção.

Infelizmente, nesse sistema, as pessoas do campo, que possuem uma pequena propriedade para sua subsistência e de sua família, vai perdendo seu espaço, dando lugar àquele que produz em grande quantidade, garantindo capital para o mercado e, para tal, recebem incentivos financeiros, assim, cada vez mais, o “pequeno” vai sendo “engolido” pelo grande, dinâmica essa, que faz parte do contexto do campo hodierno.

Outro aspecto relevante que se aprende na filosofia é a valorização de sua história cultural, de seu saber tradicional das comunidades camponesas. Assim, o estudante 14, em um artigo realizado na disciplina de Filosofia, faz a seguinte observação:

É comum associar o saber local das comunidades camponesas à sua forte e constante conexão com a natureza. As comunidades produziram saberes que, ao longo de sua história e na relação com o ambiente natural, contribuíram com a superação dos desafios do cotidiano. Esse tipo de conhecimento costuma ser referenciado na literatura como “conhecimento tradicional”, “conhecimento popular” ou “conhecimento local” (ESTUDANTE 14, 2021).

O saber tradicional, comunitário, é um saber cultural, que faz parte da história de uma determinada comunidade, construído pelas ações de sujeitos que vêm deixando suas marcas, perpetuando sua essência, construída uma história que não é só sua, mas daqueles que contribuíram para que as suas marcas prevalecessem através de sua cultura.

Não se pode negar o quanto a cultura de uma comunidade é importante para a valorização de um povo, expressa em sua culinária, suas crenças, suas danças, seus rituais, sua forma de conviver e lidar com as diversidades, principalmente sua forma de perceber o que o campo representa, portanto, essa é a essência do sujeito camponês.

Para Gadotti (2001, p. 63):

É falsa a afirmação de que nada é possível fazer na educação enquanto não houver uma transformação da sociedade, porque a educação é dependente da sociedade. A educação não é, certamente, a alavanca da transformação social. Porém, se ela não pode fazer sozinha a transformação, essa transformação não se efetivará, não se consolidará, sem ela. Se ela não é a alavanca, isso significa, ainda, que a sua luta deve estender-se além dos muros da escola, não deve limitar-se ao seu “campus” (GADOTTI, 2001, p. 63).

Quando recorremos ao processo de construção histórica da nação brasileira, identificamos que a educação sempre esteve inserida para atender às necessidades de cada período, sem tão pouco levar em conta a transformação da sociedade, deixando de ser coesa para ser ativa e protagonista de sua história. Assim, ao atuarmos como estudantes das disciplinas de Filosofia da Educação do Campo, é impossível não reconhecer o quanto a educação tem sua importância para a transformação, pois é sinônimo de luta, de conquista, de levantarmos a bandeira da não alienação.

Em trabalho desenvolvido em uma disciplina de Filosofia, o estudante 15 afirma que:

A produção do conhecimento científico se coloca em uma dimensão muito elevada e se torna inalcançável para a sociedade comum. No sistema econômico em que vivemos, onde o lucro importa mais que a vida, a ciência, muitas vezes se coloca a serviço do mercado, ou seja,

vivemos em um processo de mercantilização da vida. A produção de ciência deve estar a serviço da humanidade. Ela deve partir das necessidades sociais e construir de modo interdisciplinar e transdisciplinar as soluções possíveis para as questões demandadas (ESTUDANTE 15, 2021).

A evolução do conhecimento no âmbito atual ocorre de forma rápida, no entanto, nem sempre alcança a todos que, mesmo convivendo com os avanços tecnológicos e científicos de última geração, não podem usufruí-los, pois, infelizmente, em uma sociedade capitalista, o capital é a chave que abre os caminhos, mas poucos a conquista.

Diante desse cenário, o estudo da Filosofia proporciona ao indivíduo a não aceitação do que imposto, mas sim, assumir-se criticamente diante das desigualdades sociais, inclusive as que privam o(a) cidadão(ã) de ter acesso aos recursos que a ciência e a tecnologia dispõem em todas as áreas do conhecimento.

Filosoficamente argumentando, o ensino, para continuar atendendo à manutenção da manipulação, organizou-se de forma fragmentada, em que o conhecimento seja construído sem noção do todo, condição essa, que atende perfeitamente as perspectivas de valorização do lucro, sobrepondo-se a condição humana.

A Filosofia enquanto área do conhecimento nos propõe a assumir o comando das nossas ações, buscando atuar enquanto protagonistas de nossas histórias, capazes de transformar nossa realidade. Assim, o sujeito do campo vem se destacando, pois não se deixa abater pela desigualdade que o pressiona a deixar a luta e conformar-se com as políticas campesinas desiguais, permitindo que os grandes proprietários cresçam e os pequenos sejam extintos desse cenário.

Após cursar a disciplina de Filosofia 1, torna-se oportuno transcrever o relato da estudante 16 a seguir:

Quem não pensa, é pensado...

Vou começar falando sobre um dos retrocessos do ensino que está acontecendo. Criado em 2019, com o intuito de levar as aulas, por uso da tecnologia, em lugares de difícil acesso. Na prática, isso parece lindo, mas a realidade é outra. Juntar turmas, onde caberiam 4 professores, agora tem apenas 1, que serve para praticamente ligar e desligar o projetor. Aulas que não fortalecem o pensamento crítico, nem o autoconhecimento, ouvir, ouvir, ouvir e cumprir ordens. Criar máquina de pessoas alienadas – esse é o objetivo desse novo Ensino Médio, do chamado GOIÁS TEC.

“A” de contrário, “luno” de luz, ou seja, “sem luz”, é o que significa aluno, ou seja, uma pessoa apagada, sem luz, e o professor, “como um santo”, vai trazer luz a ele. Acho curioso como até as palavras trazem um significado implícito, como até as palavras carregam tantas memórias e histórias. Eles são pessoas com luz própria e, independente

de professor ou não, vão continuar com suas luzes. São estudantes. Mas o que isso tem a ver? Quero escrever sobre o que tenho entendido durante as aulas, não seguindo os textos um por um, mas tendo uma análise geral de como entendi e como afeta todos nós, desde a nossa história.

Nossa história não é bonita. A História do Brasil não veio de uma luta de heróis, a independência do Brasil não é como a imagem representa. A nossa história real é sangrenta, é triste, é cheia de matança, assassinatos, estupros, escravidão, torturas [...] é assim que o Brasil nasceu e não tem como mudar o passado. Mas o passado vira semente para que possamos transformar o futuro. A nossa educação vem dessa velha história, na qual sempre tem um lado que se favorece pela mão de obra dos outros. Isso foi no período escravista, no feudalismo, e agora, no capitalismo. Quem está querendo que o “aluno” não tenha luz, nem pensamento crítico? Para quem serve se a classe trabalhadora não estudar de forma questionadora?

É estranho esse sistema educacional, no qual temos que decidir tudo tão cedo, ocorrendo uma pressão na oferta de cursos por questões financeiras, a carreira para seguir a vida inteira, onde na escola tem que ser bom em todas as matérias e, se não for em uma, repete o ano inteiro novamente, além do bullying que vai sofrer se errar em uma conta de matemática, por exemplo. Claro, tem matérias que são importantes. Mas, o problema não está só nisso. Nós somos criados desde criança para não nos questionarmos, nem questionarmos o porquê dessas matérias e das aulas serem assim. Por que temos que sentar com as carteiras uma atrás da outra? Por que temos que aprender todos da mesma forma, mesmo sendo diferentes um dos outros? Por que temos que levantar a mão para até mesmo ir ao banheiro? Por que temos que ser disciplinados assim? Por que temos que ser adestrados?

Na minha concepção, o novo ensino médio e o GOIÁS TEC é para ajudar nesse “adestramento”. É para ter um professor por videoaula, ministrando uma matéria em que o aluno tem que ficar assistindo a algo chato, cansativo, que não vai ter relação com a vida dele. Vai ser obrigado a dedicar horas para sair com o pensamento menos crítico e mais alienado. Logo, qual o sentido de o Estado querer implementar uma educação assim? Quanto menos crítica é a sociedade, mais o Estado cresce; não precisa pagar a mesma quantidade de professores que era antes, agora serão bem menos; ainda dá um auxílio para o “aluno” para aceitar esse “adestramento”, achando que é algo bom [...] enfim, tenho muitas críticas ao GOIÁS TEC, mas não vim falar só dele. Nas aulas do professor Jair Reck, a minha mente ia se abrindo cada vez mais. Cada pergunta que ele fazia eu ficava mais reflexiva e sem entender meus próprios objetivos. Como tinham tantas perguntas que eu nunca tinha feito para mim? Por exemplo, qual é meu objetivo de vida? Quais são minhas dúvidas? Quais são minhas certezas? Que ser eu sou? Interessa muita gente desse sistema capitalista imposto, não conseguir responder a essas perguntas. Afinal de contas: “quem não pensa, é pensado”. Logo, é necessário entrar numa rota de construção de si próprio. “Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta!”

Eu já me considerava uma pessoa marxista, mas não pela escola. Na minha época de ensino médio, Marx era um “monstro”, falavam dele na parte de economia e sempre negativamente, e eu também tinha total desinteresse. Até que chegou o desgoverno de Bolsonaro, com aquela autoridade, desrespeito e desumanização. Senti que não podia ficar em

casa e fui para manifestações tentar me organizar coletivamente. Lá conheci movimentos sociais e estudantis, em que um deles me chamou bastante atenção, por pensar muito na classe trabalhadora, depois descobri que eram marxistas. Eu comecei a estudar Marx a partir daí, em 2019, mas nunca nada muito aprofundado. Até eu descobrir que meu avô também era marxista e tinha uns livros no instituto, li alguns, mas sinto que preciso aprender ainda mais.

Voltando para atualmente, o professor Jair Reck apresentou vários filósofos, que já havia esquecido na minha cabeça, fico pensando como são tão atuais. Por exemplo, Heráclito, sendo o “pai da dialética” que serviu de base para Platão e depois Marx, para chegarmos nos dias de hoje, e pensar também na dialética. Saber que ela vai sempre existir, pois quando tem alguém pensando de um jeito, outro vai estar pensando de forma diferente. Platão, com o Mito da Caverna, parece que foi feito para os dias de hoje, de tão atual que é. Vejo isso na alienação das pessoas com o medo de “sair da caverna”, de libertarem suas mentes desse modo de produção capitalista e perceberem que não passam de marionetes para o capital crescer. Eu fico indignada com tudo, como o capitalismo que mata milhares de pessoas, que é um problema muito além do que meu colega de quarto, que o problema é muito maior do que minha família [...] como nós não percebemos isso e não conseguimos agir? Nossas vidas vão além de apenas trabalhar, comer e dormir. Se eu não trabalhar, eu não como, se eu não tiver dinheiro, eu não sou nada, nem ninguém [...] como um papel pode valer mais do que a vida de alguém? Enquanto tem pessoas morrendo de fome, morrendo na pandemia de covid-19, outros ficam trilionários pelas mortes dessas pessoas. Como não nos revoltarmos? E como ainda não nos revoltamos? O que mais vai precisar acontecer para todos nós despertarmos? Daí que precisamos refletir. Segundo Paulo Freire, “estudar a Filosofia a partir de um lugar – do óbvio ululante”.

Enfim, quanto temos aula de Filosofia, que nos faz ter pensamentos críticos e reflexivos sobre a minha própria vida e o coletivo, bem como pode ser significante para algo maior do que seguir esse sistema, percebemos o porquê é tão atacada pela extrema-direita. A Filosofia e a Sociologia são as primeiras matérias a serem cortadas, isso foi na Ditadura Militar e será sempre tentativas de partidos de direita e extrema-direita. Só conseguimos ter essas aulas e esse curso da LEdoC, porque muito sangue foi derramado, para que possamos estar aqui. Andamos por um chão repleto de sangue de nossos ancestrais. Eu estou nesse alojamento, porque, antes de mim, outros lutaram para que eu possa ter esse espaço. E não quero deixar isso em vão. Sei da minha responsabilidade nesse curso e espero que muitas turmas de LEdoC ainda apareçam aqui para receber essas aulas. Inicialmente, estamos tentando reabrir o CA do nosso curso, para que a gente comece a se organizar coletivamente e despertarmos novos olhos, para além da LEdoC. Ações individuais não mudam todo sistema, precisamos nos organizar em coletivo, para que possamos pensar e que não pensem mais por nós (ESTUDANTE 16, 2023).

De acordo com o relato da estudante 16, a Filosofia permite o olhar para dentro de si e, conseqüentemente, oportuniza o questionamento sobre os pontos mais genuínos do ser humano, como a sua origem, a sua história e as perspectivas para o futuro. Ao compreender que nenhuma pessoa é igual a outra, tal reflexão se estende para os sistemas

educacional e político-econômico vigentes, nos quais as pessoas são concebidas como iguais, pois assim facilita o mecanismo de controle.

Nesse sentido, o modelo educacional inspirado nos moldes do capitalismo transforma as salas de aula em verdadeiras celas de aula presenciais ou virtuais, configurando um ensino conteudista, que se distancia da realidade dos(as) estudantes (as). Há nesse paradigma de ensino a supervalorização dos aspectos econômicos em detrimento dos sociais, uma vez que a preocupação recai apenas no sucesso individual e financeiro, e não, no sentimento do coletivo, de aplicar os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As avaliações são programadas para testar a capacidade de decorar os conteúdos, enquanto o questionamento e a reflexão são totalmente ignorados. As “salas de aula” são organizadas em filas, assim como observado no militarismo, configurando a hierarquia do professor em relação ao estudante, em uma lógica de relação verticalizada, em que apenas um ensina e os outros aprendem. Sabe-se que o ensino-aprendizado é um rico processo e, quando utilizadas as abordagens pedagógicas adequadas, todos aprendem e contribuem efetivamente na construção do conhecimento útil para a sociedade.

Assim, é importante destacar a observação da estudante 16 sobre os projetos de retirada/restrição da disciplina de Filosofia do currículo das escolas, projeto que remonta desde o Período Colonial, uma vez que as matérias de cunho intelectual era privilégio da burguesia. Com a Ditadura Militar, a não obrigatoriedade do ensino de Filosofia visava apenas ao controle da população, pois a ausência de uma disciplina que instigasse o pensamento crítico e reflexivo, alinhado com a utilização dos meios de comunicação de massa, fazia com que grande parcela da população acreditasse que esse regime de exceção fosse bom ou necessário para o desenvolvimento do país. Debate ainda atual, pois muitos ainda vivem na escuridão da caverna de Platão com esse tipo de pensamento, disseminando *fake news* e negando a relevância da ciência para o desenvolvimento da sociedade.

A estudante 17 elaborou a seguinte síntese a partir das aulas de Filosofia 1:

A Filosofia está intrínseca à vida do sujeito (homem/mulher), portanto, é de suma importância que dialoguemos conosco para, assim, dialogarmos com o mundo. Segundo o professor Jair Reck, “quem não pensa é pensado”, ou seja, pensar, questionar e agir são ações fundamentais para acordar o ser humano para tudo o que ocorre ao seu redor. Toda ação deve ser pensada e articulada, pois mesmo uma única palavra dita carrega em si um punhado de história e responsabilidade, a partir disso, damos um pontapé em execuções concretas que estão ligadas ao pensamento e, esse pensamento, corrobora com o lugar que

vivemos e na sociedade geral. Devemos despertarmos para o mundo ao nosso redor, segundo o professor Jair Reck, quem não conhecer a si próprio, tende, apenas, repetir as coisas dos outros. Nessa linha de pensamento, chegamos à Filosofia, que tem por função despertar o sujeito que se encontrava disperso.

Há quem pense que a Filosofia não dialoga com o dia a dia e, quem a estuda, vive em um mundo invisível, porém, quando entendemos que o pensamento é concreto e que é a partir dele que realizamos as coisas, uma nova visão de mundo nasce. É por meio da Filosofia que somos capazes de mudar o cenário do mundo, saber se estamos sendo alienados, massacrados e impedidos de desfrutar a natureza e viver em comunhão uns com os outros. Muitos filósofos, como Aristóteles, Platão e Karl Marx, no decorrer da história do mundo, contribuíram com uma série de pensamentos que nos ajudam a entender como chegamos a essa sociedade moderna e ajuda-nos a compreender o porquê que a sociedade é desigual e injusta. Todo o material estudado nas aulas foi um choque de realidade, levando-me a pensar: “meu Deus, eu estava dormindo, vi que mesmo “inconsciente” eu estava agindo com individualidade, vendo os dias passarem, problemas graves acontecendo e não fazendo nada, apenas existindo [...] e, mais, acreditando que eu precisava me preocupar apenas com os meus, alienada, pois nem percebi o quanto eu sou responsável por mudar e levar o conhecimento para o mundo, eu sou uma futura professora e, por isso, é responsabilidade minha ir mais além. O materialismo histórico dialético, defendido por Marx, é um choque de realidade, tudo está em movimento, inclusive a economia desigual que assola o mundo e, principalmente, o Brasil.

Com a privatização da terra, a sociedade desandou, antes se voltássemos para a Era comunal. Por que acumular tanto? Por que perpetuar dominação, inferioridade, preconceito e mais-valia? Onde nos perdemos? O surgimento do capitalismo reforçou mais ainda o que já ocorria no período escravista e feudalista, por que o ser humano não enxerga mais beleza nas flores? Não contempla o céu? O que fizeram de nós? Enquanto eu não achar essas respostas, eu não pararei de procurá-las. Com a aula, eu pude entender que eu sou como sou, não porque escolhi ser quem sou, mas porque escolheram por mim, quando a minha ascendência foi escravizada e tratada como nada, quando uma classe determinou que eu não era humana, que não tinha alma. Eu tenho força, tenho acesso ao conhecimento, estou tendo acesso à verdadeira história e a minha indignação com a desigualdade e a classe dominante me dará força para lutar e levar o conhecimento para aqueles que neste momento estão vendados no mundo, não quero mais somente existir. Quero me movimentar, mas movimentar-me em comunhão, pois sozinha eu não valho nada, mas, em grupo, valho várias histórias, saberes e força, SOMOS A FORÇA. Professor Jair Reck, que o universo, em sua infinita bondade, devolva em dobro o que o senhor me ensinou nesses dias, escrevi sobre o navio negreiro:

Hoje é o dia.

Dia da consciência e da valorização;

Dia do meu povo, dia dos meus irmãos;

Que viajaram naqueles navios;

Forçados, humilhados, nem o nome de batismo podiam usar;

Mas, recebia o nome que qualquer "senhor" tinha o direito de "butar".

Um homem perde tudo, mas não é fácil perder seu nome;

Ele te diz quem é, sua identidade e a representação de um amor;

Foi escolhido por uma mãe, que em meio a tanta dor;
Olhou para seu menino e logo almejou; Rei, príncipe não foi o sonho maior;
Era a liberdade...
Vê seu negro tendo sorte;
De ser livre, de construir um lar;
De comer do seu plantio, de gingar à capoeira, de dançar a sua dança em volta de uma fogueira;
Sem sentir de nenhuma maneira, o gosto do chicote, da mordada ou remissão;
Mas de ser livre, com direitos que abomina à escravidão.
E, talvez algum dia, o preconceito tenha um fim, e todos bem "juntin" poderemos dar às mãos (ESTUDANTE 17, 2023).

A síntese da estudante 17 complementa a discussão feita pela estudante 16. A liberdade consiste em pensar por si mesmo e, quando não praticamos esse nobre exercício, abrimos espaço para que outros pensem por nós mesmos. Nesse sentido, ao ignorar a Filosofia, assume-se o risco de agir de forma irrefletida, irracional, impulsiva, o que gera problemas de inúmeras naturezas, bem como a postura passiva diante dos acontecimentos. A estudante 17 observa que será uma futura professora, logo reconhece o seu importante papel de levar o conhecimento para as pessoas. A responsabilidade de levar esse conhecimento consiste em pensar nas melhores estratégias de ensino-aprendizado, considerando a realidade de cada estudante.

Nesse sentido, a Filosofia viabiliza trabalhar os conteúdos de forma dialógica, e não, com verdades universais ou com pré-conceitos estabelecidos pela mídia. Nos relatos dos(as) estudantes, observamos a visão deturpada que tinham sobre o MST ou sobre as teorias marxistas a partir das concepções difundidas pelos meios de comunicação de massa. Constata-se, assim, a relevância da Filosofia para desconstruir essas concepções pré-concebidas, convidando os(as) estudantes para o pensamento crítico e reflexivo, a ação ética e responsável e a formação de opinião com base na racionalidade.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA A PARTIR DO QUESTIONÁRIO REALIZADO

Ao desenvolver o referente trabalho de pesquisa, a realização da contextualização entre a teoria e a prática foi uma etapa importante, porém necessitou da contribuição de ex-estudantes da LEdoC, respondendo a questões pertinentes ao ensino de Filosofia.

Nesse contexto, foram enviados dez questionários (**ANEXO A**), abordando um grupo de dez estudantes, aos quais deveriam responder às seguintes perguntas abertas: quais eram as suas concepções e os seus saberes em relação à Filosofia, anteriores ao curso de Licenciatura em Educação do Campo? Após cinco disciplinas de Filosofia, quais aprendizagens, conceitos, princípios e fundamentos você considera relevantes? Das aprendizagens registradas, você as utiliza na compreensão de si, na leitura e interpretação da realidade, na práxis de educador(a) do campo? Quais sugestões você gostaria de registrar sobre o campo do saber filosófico, considerando sua vivência e indagações de aplicações e necessidades de aprofundamento?

O retorno da devolutiva do questionário não contemplou a totalidade, porém os que contribuíram na referida pesquisa ofereceram uma bagagem ampla de discussão. Para não expor a identidade dos(as) participantes/contribuintes da pesquisa, eles(as) serão caracterizados(as) por indivíduo “A”; “B”; “C”; “D”; e “E”.

Para iniciar a discussão do questionário, Freire (1987, p. 99) nos leva a refletir que:

Do ponto de vista do investigador importa, na análise que faz no processo da investigação, detectar o ponto de partida dos homens no seu modo de visualizar a objetividade, verificando se, durante o processo, se observou ou não alguma transformação no seu modo de perceber a realidade. A realidade objetiva continua a mesma. Se a percepção dela variou no fluxo da investigação, isto não significa prejudicar em nada sua validade. A temática significativa aparece, de qualquer maneira, com o seu conjunto de dúvidas, de anseios, de esperanças (FREIRE, 1987, p. 99).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar o quanto a contribuição dos(as) estudantes que responderam ao questionário enriqueceu a discussão e a reflexão da importância e da necessidade do ensino de Filosofia.

Com relação ao questionamento da questão 1 (quais eram as suas concepções e os seus saberes em relação à Filosofia, anteriores ao curso de Licenciatura em Educação do Campo?), a estudante “A” afirma que sua experiência com relação ao ensino de Filosofia era quase nenhuma, apenas o pouco trabalhado no Ensino Médio.

O estudante “B” relata na questão 1 que:

Recordo que a primeira vez que tive a oportunidade de estudar Filosofia foi quando iniciei o ensino médio. No 1º ano, lembro que na semana tínhamos uma aula de Filosofia, mas não era uma disciplina que levava com serenidade, como Português e Matemática, não conseguia ver dimensão prática ou fazer sentido na minha vida, recordo que o professor sempre levava material impresso, às vezes tentava realizar algum debate em sala, mas sem êxito, por fim, durante esses três anos no ensino médio, tive o mesmo professor e as aulas eram basicamente copiar as respostas nas perguntas aplicadas, recorda que tivemos material que falava sobre Sócrates, Platão, Aristóteles e outros, tudo muito raso que funcionava apenas para obter a resposta naquele momento, sendo que essas informações não geraram conhecimento significativo. Não responsabilizo o professor pelas aulas da disciplina, vejo hoje que havia todo um contexto estruturado para a disciplina de Filosofia não ter significado na vida dos estudantes, da escola e sociedade (INDIVÍDUO B, 2021).

Infelizmente, é dessa forma que culturalmente enxergamos o ensino de Filosofia, uma disciplina sem grande importância quanto à Matemática e ao Português, até mesmo porque é uma aula por semana, tendo um professor que na maioria das vezes ministram as aulas para completarem a carga horária. O próprio sistema educativo não encara com seriedade a necessidade do ensino de Filosofia, mesmo porque faz parte de disciplinas cujo objetivo é o questionamento, sendo esse um campo que não é favorável ao sistema de dominação social em que se vive.

Destaca o estudante “C” que: “no Ensino Médio estudei um pouco sobre Marxismo e a Mais Valia, silogismo categórico de Aristóteles e sobre o Passeio do Filósofo de Kant. São os conteúdos que ainda me recordo um pouco”, acentuando o quanto ainda é precário o ensino de Filosofia, pois citam-se filósofos importantes abordados no Ensino Médio, mas não, o real e necessário aprofundamento de suas reflexões, contribuições e relações com a sociedade hodierna, complementando o estudante “D” ao falar que:

A Filosofia é uma área do conhecimento que tem por finalidade traduzir a realidade de forma crítica. Anterior a Licenciatura em Educação do Campo, não tive contato com a Filosofia sob uma percepção crítica e indagadora, portanto não havia acumulado conhecimentos de forma crítica (INDIVÍDUO D, 2021).

Não há como negar o quanto a Filosofia tem a contribuir para a formação crítica e atuante do indivíduo, devendo ser trabalhada como forma de emancipação, não somente no Ensino Médio, mas desde o início da vida escolar do educando. No entanto, infelizmente, ainda é percebida como desnecessária e sem importância, fazendo parte do

currículo, quando é obrigatória, limitando-se a uma aula semanal ou inserida em disciplinas afins.

A segunda questão aborda o conhecimento do educando após cinco disciplinas de Filosofia cursadas na Licenciatura em Educação do Campo, destacando aspectos relevantes. Assim, o indivíduo “A” afirma que:

A prática do questionamento me parece uma ação relativamente próximo ao que se propõe o campo da filosofia, certamente não fica restrita a isso. O ato de questionar nos permite conhecer o mundo e suas relações, exploramos essa possibilidade com mais entusiasmos durante parte da nossa infância, momento em que estamos conhecendo o espaço geográfico e tudo que nele existe a partir do contato com o meio em que estamos inseridos. Sendo assim, destacaria como um conhecimento importante anterior à LEdoC, a expertise de buscar o conhecimento (INDIVÍDUO A, 2021).

É importante essa relação que se tem com o ensino de Filosofia na LEdoC, na qual instiga-se o questionamento, a busca por respostas, explorando vários ângulos, forma essa, de aprendizagem de Filosofia que não deveria ser específica do curso, mas sim, em toda a formação do indivíduo.

O indivíduo “B”, em relação a segunda questão, demonstra que:

A partir das aprendizagens na LEdoC, as experiências de vida e os fundamentos propostos contribuíram para assumir um novo compromisso social. A aprendizagem é individual, mas o conhecimento é coletivo, ou seja, a produção de conhecimento advém da relação entre espaço social concreto e simbólico e a ocupação social estabelecida. Aprender tais relações dinâmicas permitiram estabelecer um novo olhar sobre a realidade (INDIVÍDUO B, 2021).

Enquanto o indivíduo “C” destaca:

Durante as várias aulas de Filosofia na LEdoC deparamos com diversos fundamentos filosóficos determinantes para a formação de educadores/as. Os fundamentos que estão mais presentes no cotidiano é o materialismo histórico dialético que tenho como sendo a compreensão da realidade em suas dimensões. Outro princípio que também é marcante é a metafísica que consiste em explicar as coisas como definitivo, ou seja, imutável ignora a realidade do movimento e as transformações. Nos fundamentos vistos na disciplina de Filosofia, a dialética é o mais presente no cotidiano, das quatro leis da dialética estudadas em aula, destaco o princípio da lei que tudo se relaciona, busco exercitar constantemente, pensar a sociedade a partir desse princípio que todas as dimensões se relacionam (INDIVÍDUO C, 2021).

Percebe-se que o aprofundamento proposto no decorrer do ensino de Filosofia, promovido pela LEdoC, influenciou muito na construção de uma nova concepção de realidade, na qual cada indivíduo é construtor de sua história, capaz de intervir e melhorar

o meio em que vive, sem necessariamente aceitar o conformismo. É perceber a importância, a força e as transformações que podem trazer os movimentos sociais.

Complementa o indivíduo “D”:

A Filosofia me permitiu ir além, hoje consigo ver com mais clareza sobre a humanidade e entendo mais o mundo a nossa volta, com a questão crítica e, claro, o respeito a todas as opiniões, porém não somos obrigados a concordar, não é mesmo? Enfim, a Filosofia é a base! (INDIVÍDUO D, 2021).

Não se pode negar a forma como o ensino de Filosofia nos alicerça para a busca da transformação, do questionamento da realidade, acreditando em nós mesmos e na capacidade de questionar o mundo, sem passividade, mas com autonomia e busca contínua de respostas.

Na questão 3, questionou-se: das aprendizagens registradas, você as utiliza na compreensão de si, na leitura e interpretação da realidade, na práxis de educador(a) do campo?

O indivíduo “A” afirma:

A disciplina de Filosofia foi fundamental para chegarmos ao entendimento de que o sistema capitalista dita o modo de vida no mundo, obviamente essa é uma definição genérica e sem análises mais aprofundadas, mas esse não é o objetivo para o momento. Significa dizer que o sistema em curso está dividido entre os proprietários dos meios de produção e os não proprietários, os primeiros esbanjam a riqueza produzida pelos segundos. Essa compreensão foi possível, especialmente durante as disciplinas de Filosofia. Lembro-me, da primeira aula do curso, aula de Filosofia, no Auditório Augusto Boal, entre outras discussões, nos foi feita a seguinte pergunta: qual a sua visão sobre o MST? Ingenuamente, reproduzi todo o discurso da TV, afirmando serem arruaceiros, invasores de terra, ou seja, ainda que eu pensasse sobre essa questão, era um pensamento condicionado, estreito, baseado unicamente na tese apresentada na TV. O método da Tese, Antítese e Síntese tem sido um instrumento fundamental para compreendermos o mundo e suas implicações. Hoje sou militante, utilizamos desse método, relacionado a outros para discutirmos a questão mineral no Brasil, principalmente com aqueles que, assim como eu, acessava apenas uma Tese a respeito dos benefícios da produção mineral no país para sua população (INDIVÍDUO A, 2021).

Diante do que foi colocado, é importante perceber o quanto a Filosofia nos leva a questionar o sistema capitalista e a forma desumana na qual o(a) trabalhador(a) é percebido(a) e o quanto ele(a) vai se alienando ao sistema desigual. É tão alienador que somos constantemente influenciados pela mídia, tanto que até mesmo os movimentos sociais são percebidos pela maioria como brutais, anarquistas, violentos e pior de tudo preguiçosos. Além disso, na perspectiva da tomada de decisão e da formação de opinião,

de forma crítica e proativa, a postura filosófica proporciona a integração com as diferentes áreas e fontes de conhecimento.

Nesse sentido, afirma o indivíduo “B”:

A Filosofia é um componente indispensável para a compreensão de si e da realidade. Ao pensar em um ser coletivo e de ação, ser de compromisso com a transformação de si e do mundo, entendo que é o primeiro passo para uma nova sociedade. A práxis é a fundamentação das aprendizagens constituídas, é a atividade teleguiada entre a ação e a prática, por isso que, ao realizar as atividades sociais, é preciso vivenciá-las. Como professor, tenho muito que me ater a realidade, sobretudo em comunidades carentes, ora se estabeleço uma metodologia desconectada do mundo real, as chances de aprendizagens sobre o mundo real dos meus estudantes são mínimas. Então, alcançar a práxis é estabelecer conexões entre o mundo real e as contradições que o cerca, é instruir-se (Vygotsky), no sentido de preparação para a vida e para a nova sociedade, porque temos de entender que, para mudar o mundo, primeiro precisamos nos mudar (INDIVÍDUO B, 2021).

Na sequência, o indivíduo “C” expõe:

Constantemente me pego vivenciando e refletindo os princípios da Filosofia, vejo que esses fundamentos estão intrínsecos em mim, quando penso quem eu sou, os espaços que estou, refletir as estruturas do sistema e se questionar qual parte você está, para que serve e a quem serve. Percebo que essas perguntas vieram da Filosofia, me permitiu olhar esses espaços, por exemplo, as escolas, as igrejas e os espaços em geral, observando as engrenagens que antes não eram vistas e consideradas como natural do ser humano (INDIVÍDUO C, 2021).

Complementa o indivíduo “D”: “temos um grupo de pessoas que entrega leite, procuro no máximo trabalhar com clareza e destreza, sempre respeitando as opiniões e colaborando para que todos do grupo tenham seu papel de suma importância”.

A vivência com o ensino de Filosofia, para os que têm realmente conhecimento de sua importância na vida de cada indivíduo, principalmente como forma de libertação das amarras de um sistema desigual, ao qual o trabalho alienado vai amarrando o(a) trabalhador(a) de forma que ele não se sinta em condições de mudar a realidade, caindo sempre no dito popular de que “a corda arrebenta do lado mais fraco”, enquanto o essencial é perceberem-se que podem deixar de ser considerados fracos e tornarem-se fortes.

A quarta questão solicita aos entrevistados que citem sugestões de trabalho com o ensino de Filosofia, obtendo o seguinte:

Considerando a importância da disciplina, me parece interessante que ela esteja mais articulada com as demais. Ocorre no curso um certo

distanciamento entre as disciplinas, o que acaba não sendo pedagógico, pois existe todo um trabalho voltado a formar os futuros professores para o trabalho interdisciplinar ou transdisciplinar, quando no curso esse trabalho ainda é pouco desenvolvido (INDIVÍDUO A, 2021).

Importante colocação, pois a Filosofia impulsiona a compreensão transdisciplinar, portanto, não se limita a um conteúdo fechado, em uma única disciplina. Pode e é significativo que seja implementada de modo articulada, na leitura, interpretação da realidade e na geração de compromissos, protagonizando ações transformadoras, emancipatórias.

O indivíduo “B” expõe a seguinte sugestão:

Ao entrar em contato com o campo da Filosofia, é impossível não dialogar a respeito da dialética e as suas categorias. Não podemos falar de Filosofia em um momento como esse e não citar Marx. A dialética, por ser dinâmica, nos permite constituir análises, sobretudo no campo da educação. É preciso um olhar atento ao que chamamos de educação e qualidade, é preciso entender educação e capitalismo, capital humano e cultural, mão de obra produtiva e improdutiva. No campo da educação, ora nos deparamos com essas categorias, atrelamos a qualidade de ensino ou o fracasso apenas ao professor. Se olharmos do ponto de vista direcional e superficial, fazemos afirmações graves sobre esse profissional, ora se usarmos a dialética e percebermos que esse profissional é um ser histórico e cultural e que esse mesmo sujeito é produto de um processo, passamos a entender que o professor também é uma vítima da perversidade desse sistema (INDIVÍDUO B, 2021).

A questão dialógica é a essência do ensino de Filosofia, principalmente a partir do momento que o diálogo seja alicerçado por filósofos(as) críticos (as), com base em teorias alicerçadas na vivência da sociedade e a serviço da emancipação humana, que viveram para estudar e analisar à sociedade e suas mudanças sociais, principalmente com o advento do capitalismo, que de certa forma beneficia os detentores do meio de produção, discussão essa, que deve ser levada para dentro da sala de aula, mesmo porque somos oriundos dessa classe que vende a mão de obra, prendendo-nos ao que o sistema dita.

Complementa o indivíduo “C”,

Percebo ser necessário abordar com os estudantes a realidade concreta, a historicidade da vida, exercitar a pensar a realidade a partir das próprias comunidades, observar o sistema na totalidade e identificar as dimensões, os desafios e as contradições (INDIVÍDUO C, 2021).

Discutir a realidade é uma das dimensões que a Filosofia proporciona, supõe o questionamento de si mesmo e de sua relação com o mundo, trazendo à tona o que o sujeito espera, se é contribuir para o processo social de alienação, ou de buscar transformar a realidade com suas ações e com o questionamento do que lhe é imposto.

Para o estudante “C”, colhemos o que plantamos, portanto, observa-se a importância da necessidade do equilíbrio, consciência do que se faz, aprendido esse, construído com as aulas de Filosofia, pois levam ao esclarecimento e ao entendimento da sociedade e das leis que a regem.

Em Santos (2016, p. 3), afirma-se:

É necessário repensar minha postura ingênua, o óbvio relutante. Precisa arregalar os olhos para enxergar o que está na cara, ou melhor, para ir além das aparências, desvendar esta realidade que tanto acreditei conhecer para ter uma postura crítica diante dos conflitos e das contradições que estão encobertas de justificativas, tanto na vida pessoal como da comunidade, revela que estava condicionada a não refletirem por mim mesma, e sem coragem de ser protagonista da minha própria história (SANTOS, 2016, p. 3).

Nesse contexto, para o estudante C, o ensino de Filosofia possibilitou o questionamento da sua realidade, o olhar para dentro de si e o reconhecimento de que, sem as indagações, os questionamentos e a busca por conhecimento, estamos sujeitos às manipulações dos que estão no poder, permitindo a reprodução, a manutenção e o prevailecimento do domínio imposto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o referente trabalho, percebe-se o quanto o percurso foi longo e enriquecedor, proporcionando aos concluintes do curso outra visão, muito diferente da que se tinha, mesmo porque os estudos e a dialógica proporcionaram refletir sobre o curso, o que ele propunha e nossa expectativa.

Ao analisar o contexto que envolve o ensino de Filosofia na formação de educadores(as) para atuarem no âmbito da Educação do Campo, percebe-se o quanto é importante a valorização do saber filosófico, para que os estudantes possam conviver e sobreviver no meio rural, além de serem sujeitos históricos e atuantes nas comunidades em que vivem.

Por muito tempo, o campo foi percebido como atraso, trabalho braçal, no qual os sujeitos deveriam se envergonhar, valorizando apenas os que eram proprietários e não aqueles que atuavam diretamente com a terra, a produção e o crescimento do país.

Com a industrialização, os sujeitos do campo foram se deslocando para os grandes centros urbanos, em busca de uma vida melhor, se deparando com a pobreza, a aglomeração, a falta de condições básicas de sobrevivência, a exploração ainda maior da sua mão de obra, levando para as cidades problemas sociais, sanitários e de infraestrutura que permanecem nos dias hodiernos.

Percebe-se que no decorrer das discussões, contextualizando teoria com a análise dos estudantes de Filosofia, conclui-se que não é possível realizar um curso nesta dimensão e não mudar com o conhecimento construído, compreendendo a dimensão que existe entre a realidade e o que está atrás da camuflagem imposta.

A Filosofia é uma disciplina que não é priorizada pelo sistema educacional, sendo engessada, pois visa despertar o sujeito a refletir o contexto que o cerca, mostrando outros caminhos para a libertação, sem as amarras do conformismo.

Que a educação que chega ao meio rural seja uma educação libertadora, que alcance o senso crítico-reflexivo do(a) educando(a), ganhando relevo o ensino de Filosofia crítica, que estimule a não ser conformista, reconhecendo como sujeito histórico que pode mudar a sua realidade e do local em que vive, sem necessariamente ser mais um que aglomera nos grandes centros urbanos e que, infelizmente, acaba perdendo a sua identidade e a sua origem.

REFERÊNCIAS

ANA, W. P. S.; LEMOS, G. C. Metodologia científica: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 4, n. 12, 2022. Disponível em:

<http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2870/1803>. Acesso em: 16 maio 2022.

BEGNAMI, J. B. **Formação pedagógica de monitores das Escolas Famílias Agrícolas e Alternâncias**: um estudo intensivo dos processos formativos de cinco monitores. Belo Horizonte. 2011. 263 p. Dissertação (Mestrado Internacional em Ciências da Educação) – Universidade Nova de Lisboa e Universidade François Rabelais de Tours. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/391>. Acesso em: 6 maio 2022.

BUZZI, A. **Introdução ao pensar**: o ser, o conhecimento, a linguagem. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAMILLO, E. J. A qualidade “de dentro” na/da pesquisa qualitativa em educação do Sul do Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 33, n. 65, p. 137-148, jul./set. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/47999/33235>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CONTE, E.; MARTINI, R. M. F. As tecnologias na Educação: uma questão somente técnica? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1191-1207, out/dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6dtyr69fvxK7bBmCm5H35FQ/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FACULDADE UnB PLANALTINA. **Projeto político pedagógico do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo**. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: http://fup.unb.br/wp-content/uploads/2019/02/PPC_-_Educacao-do-Campo-Em-implementacao.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. “**Construindo a escola cidadã**: projetos político pedagógico”. Brasileira: MEC Secretaria de Educação Distância, 1988.

GNISS, R. R. K. **Mudar a educação a partir do pensamento de Erich Fromm**. Goiânia: Kelps, 2011.

MAZAI, N.; RIBAS, M. A. C. Trajetória do ensino de Filosofia no Brasil. **DisciplinarumScientia**: Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumCH/article/viewFile/1582/1487>. Acesso em: 12 set. 2021.

MAZZONETO, C. V. et al. **Fundamentos filosóficos da educação**. Santa Maria, RS:UFSM: NTE: UAB, 2017.

PACHECO, L. M. D. **A pedagogia da alternância e o enfrentamento das situações problemas no meio rural**: a visão do egresso da Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SECRETARIA E COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO (FETRAF). **Revista de formação por alternância**, jul. 2012.

SILVA, A. A. A comissão pastoral da Terra e a educação do campo: realidade histórica e perspectivas. **Revista da formação por alternância**, Brasília, v. 6, n. 11, p. 24-27, jul. 2011.

SILVA, E. I. C. Breve histórico do ensino de filosofia no Brasil. **Academia Brasileira de Filosofia**, Belo Jardim, Pernambuco, 2009. Disponível em: webartigos.com/storage/app/uploads/public/5do/a59/6a6/5d0a596a636ab468384233.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

SOARES, J. R.; PEREIRA JUNIOR, J. N. Filosofia, práxis e educação. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA-FIPED, 4., 2012, Parnaíba. **Anais** [...]. Parnaíba: Realize Editora, 2012. p. 1-11.

VEIGA, I. P. (org.) **Projeto político pedagógico da escola**: uma construção possível. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2000.

ANEXO A:**QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ESTUDANTES DE LEdoC da FUP**

1. Quais eram as suas concepções e os seus saberes em relação à Filosofia, anteriores ao curso de Licenciatura em Educação do Campo?
2. Após cinco disciplinas de Filosofia, quais aprendizagens, conceitos, princípios e fundamentos você considera relevantes?
3. Das aprendizagens registradas, você as utiliza na compreensão de si, na leitura e interpretação da realidade, na práxis de educador(a) do campo?
4. Quais sugestões você gostaria de registrar sobre o campo do saber filosófico, considerando sua vivência e indagações de aplicações e necessidades de aprofundamento?